

Novembro - Dezembro 2019

A BOA NOVA

do Mundo de Amanhã

O Problema da EVOLUÇÃO e o RETORNO de DEUS

Previsibilidade Ou Evolução Cega? 8 • O Darwinismo Desvendado 11 •
Entrevista Com o Dr. Jay Richards: Proponente do Design Inteligente 14 • Um Universo
Centrado em Deus 16 • A Guerra Comercial Entre os Estados Unidos e a China 19 •
O Natal É Mesmo Uma Celebração Cristã? 22 • A Análise do Mestre 26

3 • Toda Convicção Tem Consequências

4 • O Problema da Evolução e o Retorno de Deus

O que a bioquímica nos diz sobre a ideia arraigada de que a vida resultou do acaso ao longo de bilhões de anos? Será que veremos um ressurgimento da crença em Deus como a verdadeira explicação?

8 • Previsibilidade Ou Evolução Cega?

O argumento de que a natureza é fruto do acaso e que apenas parece projetada tem cada vez mais dificuldade de se sustentar diante das crescentes evidências de previsibilidade e planejamento.

Coluna Lateral: Um Renomado Professor de Yale Renuncia à Evolução

11 • O Darwinismo Desvendado

A teoria da evolução de Charles Darwin é amplamente aceita em todo o mundo. Como essa teoria se desenvolveu? Ela é verdadeira?

14 • Entrevista Com o Dr. Jay Richards: Proponente do Design Inteligente

Durante a Conferência em Dallas sobre Ciência e Fé, em janeiro de 2019, o colunista da revista A Boa Nova, Mario Seiglie, entrevistou o escritor e apresentador Jay Richards.

16 • Um Universo Centrado em Deus

A história humana está repleta de ideias equivocadas sobre o universo. O cerne do problema é o fracasso do homem em entender que Deus é o centro de tudo!

19 • A Guerra Comercial Entre os Estados Unidos e a China

O que está por trás do embate comercial entre os Estados Unidos e a China? O que está em jogo? Como isso pode afetar o resto do mundo—e você?

22 • O Natal É Mesmo Uma Celebração Cristã?

Muitos acreditam que Jesus nasceu no Natal ou que, mesmo que Ele não tenha nascido nessa época, essa é uma boa ocasião para comemorar, pois ainda assim estamos adorando a Ele. Mas os primeiros cristãos observaram o Natal? E o que devemos fazer hoje? Coluna Lateral: A Pressão do Pensamento de Grupo

25 • Eventos e Tendências Atuais

O Irã Está Por Trás dos Ataques às Instalações de Petróleo da Arábia Saudita • Pesquisa Muda Narrativa Sobre o "Gene Gay"

26 • A Análise do Mestre

Quando alguns discípulos disseram a Tomé que viram Jesus, mas ele não acreditou. Então, Jesus apareceu entre eles com um convite. O que isso significa para nós?



4



19



22

QUEM SOMOS

A Igreja de Deus Unida, *uma Associação Internacional*, encontra as suas raízes na Igreja que Jesus fundou, no início do primeiro século. Seguimos os mesmos ensinamentos, doutrinas e práticas que então foram estabelecidas. A nossa incumbência é de proclamar o evangelho do vindouro Reino de Deus por todo o mundo, como uma testemunha, e de ensinar todas as nações a observar o que Cristo ordenou (Mateus 24:14; 28:19-20).

Nós oferecemos esta revista e outras publicações gratuitamente, seguindo a instrução de Cristo: "de graça recebestes, de graça dai" (Mateus 10:8). Isto é feito possível pelos generosos dízimos e ofertas dos membros da Igreja e colaboradores, que voluntariamente contribuem para o suporte desta Obra. Se desejar, de livre vontade dar um dízimo ou fazer um donativo no Brasil, para ajudar esta Obra de Deus, use a conta bancária na página 32.

Se vive em Angola, somos representados pela Igreja de Deus Mundial em Angola e seus detalhes bancários são:

Banco Angolano de Investimento (BAI): Número da Conta Bancária: 115086564.10.001
Beneficiário: Paulino João Foi. Em nome da Igreja de Deus Mundial em Angola.

Internet: <https://portugues.ucg.org/a-boa-nova> / **Facebook:** Igreja de Deus Unida

ENDEREÇOS

Brasil: Igreja de Deus Unida
 Caixa Postal 2027
 Uberlândia – MG,
 CEP 38400-983
 Telefone: +1 (513) 576 9796
 e-mail: info@ucg.org

Estados Unidos da América:
 Igreja de Deus Unida
 P O Box 541027,
 Cincinnati, OH, 45254-1027
 Telefone: +1 (513) 576 9796
 e-mail: info@ucg.org

Angola:
 Igreja de Deus Mundial
 Caixa Postal No 12,
 Município de Cacuaco, Luanda
 Telefones: +244 923 429 320
 +244 923 633 506 / +244 923 719 704
 e-mail: dedeusmundial@hotmail.com

A Boa Nova é a edição portuguesa da revista *Beyond Today*



Scott Ashley
Editor-chefe

Toda Convicção Tem Consequências

Décadas atrás, quando era estudante do ensino médio, lembro-me de uma personalidade da rádio ridicularizando a teoria da evolução com o slogan: “Viemos da escória ou ascendemos do lodo?”—parodiando o conceito de que a vida surgiu de algum lago cheio de algas. Sua paráfrase tinha um toque inteligente, como evidenciado pelo fato de eu ainda me lembrar disso anos depois.

Na época, eu estava muitíssimo interessado em ciência. Ganhei o maio prêmio da minha feira de ciências por três anos seguidos, uma vez por criar um conjunto de modelos tridimensionais em cores de diversos tipos de células.

Ainda me lembro de pesquisar e trabalhar nesse projeto e de me surpreender com a complexidade das maravilhas microscópicas das células do sangue, células nervosas, células musculares, células da pele, células vegetais e muito mais. Os microscópios eletrônicos estavam apenas começando a revelar que as células não eram apenas simples bolhas de matéria, mas na verdade eram estruturas altamente refinadas, maravilhosamente projetadas para seus propósitos.

Porém, em nossos livros de biologia dizem que elas não foram realmente projetadas. E que não tinham um propósito. Na verdade, elas eram nada mais do que o produto do acaso e de incontáveis acidentes aleatórios durante um insondável período de tempo.

Mas, certamente, o que vi me deixou confuso. Eu nunca tinha visto nada que funcionasse tão bem se conectar do nada!

Nós tínhamos um pequeno rebanho bovino. Todos os anos, abatíamos um boi para fornecer carne para a nossa família de três filhos homens e consumíamos muita carne e feijão. Depois que meu irmão mais velho saiu de casa, coube a mim, como aluno da oitava série, ajudar meu pai a abater e esquartejar o boi naquele ano.

Para ser franco, aquilo não foi uma tarefa agradável. Mas o nojo foi compensado consideravelmente pela oportunidade de examinar de muito perto como uma grande criatura viva foi montada—a estrutura esquelética, os vários órgãos internos, a pele externa protetora, o sistema digestivo, as veias e as artérias, o intrincado sistema nervoso e até um mata-moscas natural embutido na forma de uma cauda altamente eficiente.

Aquilo parecia um sistema muito complexo para mim. Mas, novamente, fiquei muito surpreso com o que vi. Os livros de biologia me garantiram que tudo havia se formado do nada!

Estou sendo um pouco irônico, é claro—mas só um pouco mesmo. Apenas alguns anos antes, a Suprema Corte dos Estados Unidos havia banido a Bíblia e a oração das escolas públicas e de grande parte da vida pública. Na minha escola, essas regras eram praticamente ignoradas, e os alunos continuavam orando e se encontrando para estudos bíblicos todos os dias antes do início das aulas. Ninguém nunca se preocupou com a grave violência escolar, e os tiroteios nas escolas ainda eram inéditos. Isso acontecia apesar de alguns estudantes de escolas rurais, como a minha, terem rifles nos porta-armas de seus veículos ou uma pistola embaixo do banco do motorista, geralmente para atirar em cobras.

Vivemos em um mundo muito diferente hoje. Agora já estamos na

segunda ou terceira geração de crianças em idade escolar que foram educadas sem a Bíblia, a oração ou a crença em Deus como parte de sua educação formal. E, infelizmente, isso é o que vemos.

Há décadas, apesar de suas muitas falhas, a evolução darwiniana tem sido ensinada aos alunos como sendo um fato. Eles foram educados para acreditar que são simplesmente animais superdesenvolvidos. Então, por que deveríamos esperar que eles se comportassem de maneira diferente dos animais?

Com Deus fora de cena e as crianças sendo ensinadas a serem apenas mais uma espécie de animal, seria de se admirar que hoje em nossas escolas haja tanto bullying, violência, sexo casual, gravidez na adolescência e doenças sexualmente transmissíveis, juntamente com uma epidemia sem precedentes de rapazes tornando-se assassinos em massa?

Seria surpresa a vida humana estar sendo tão desprezada e desvalorizada quando o aborto é algo tão comum? Afinal de contas, nos dizem que esses pequenos seres humanos são apenas pedaços de tecido, que valem menos que os animais e que podem ser descartados quando não são mais desejados ou convenientes!

O fato triste é que as convicções têm suas consequências. A história está repleta de restos sangrentos dessa realidade.

Margaret Sanger acreditava fielmente na eugenia—livrar a raça humana do que considerava espécimes menos desejáveis. Você pode dizer que ela queria aperfeiçoar o processo evolutivo para torná-lo mais eficiente. E ela fez isso. Ela fundou a *Planned Parenthood* (*Paternidade Planejada*) há pouco mais de um século. Nas décadas seguintes, a organização foi responsável pela morte de dezenas de milhões de bebês por meio de aborto e contracepção de “emergência”—tornando a organização uma das assassinas em massa mais prolíficas da história.

Adolf Hitler também acreditava na imposição de um tipo de “evolução” como política de governo. Ele ordenou a morte de milhões de indivíduos de grupos culturais ou étnicos, considerados indesejáveis, em campos de extermínio para que pudesse purificar a Terra para que a raça superior ariana governasse um império germânico de mil anos, conhecido como Terceiro Reich.

A evolução darwiniana tem como premissa básica a “sobrevivência do mais apto”. E tragicamente, essa mentalidade se enraizou repetidas vezes em ideologias abomináveis por todo o mundo, deixando morte e destruição em seu rastro. Não seria a hora de despertarmos e reconhecermos os frutos maléficos disso?

Nesta edição, examinamos algumas das descobertas mais recentes que destacam as falhas catastróficas dessa teoria. A evolução deixa a humanidade cega para o nosso propósito, vagando e imaginando no escuro. Esperamos que você leia esses artigos com atenção—e compreenda que as convicções têm consequências. **BN**



O Problema da Evolução e o Retorno de Deus

O que a bioquímica nos diz sobre a ideia arraigada de que a vida resultou do acaso ao longo de bilhões de anos? Será que veremos um ressurgimento da crença em Deus como a verdadeira explicação?

por Peter Eddington

A pesar de dominar a mente de muitos, a evolução darwiniana nunca explicou a origem da vida. Certamente, muitos livros didáticos do ensino médio e da faculdade lhe dirão que a evolução fornece uma explicação para a origem da vida, mas é tudo falso. Nenhum cientista foi capaz de demonstrar como a vida surgiu a partir de elementos, produtos químicos e compostos disponíveis em nosso planeta.

A realidade é que a geração de vida através de processos irracionais e não direcionados é impossível. Veremos o que tem a dizer sobre isso um respeitado químico orgânico sintético, que é extremamente capacitado para criticar a pesquisa sobre a origem da vida. Então, o que pode explicar o surgimento da vida?

Em breve, podemos estar entrando em uma era em que uma hipótese diferente será reconhecida como uma explicação muito melhor para a origem da vida—não a evolução darwiniana, mas Deus. O Design Inteligente está se tornando rapidamente reconhecido (mais uma vez, como nas eras passadas) como a melhor explicação para a origem da vida.

Os cientistas não podem fabricar vida

Primeiro, vejamos como o tema “vida” é complexo. Veremos rapidamente que as mentes mais inteligentes entre nós não podem reproduzi-la.

A origem da vida é *prebiótica*—isso significa que aconteceu antes de qualquer operação ou desenvolvimento biológico entrar em cena. Como produtos químicos inanimados e irracionais poderiam gerar a primeira vida? Hoje em dia, os cientistas mais brilhantes não conseguem produzir nem uma simples bactéria.

O primeiro passo na construção dessa bactéria, que contém 256 genes codificadores de proteínas, é ter as quatro classes de moléculas necessárias. No entanto, mesmo que os cientistas recebessem essas moléculas, eles não saberiam como montá-las.

O Dr. James Tour, um renomado químico orgânico sintético especializado em nanotecnologia, foi considerado um dos cientistas mais influentes do mundo atualmente. Em uma entrevista ao *Discovery Institute* intitulada “James Tour: A Origem da Vida

Ainda Não Foi Explicada” (disponível no Youtube), onde ele afirma categoricamente: “Nós podemos criar tecnologias, mas nós não podemos nem mesmo produzir a mais simples das bactérias. Qualquer pessoa que diga algo contrário não sabe o que está falando. Mostre-me o experimento. Ninguém nunca fez isso. E não é por falta de esforço nem por falta de vontade” (5 de julho de 2019).

O Dr. Tour comenta ainda sobre aqueles que poderiam tentar replicar a vida: “Pois, mesmo que entregássemos a eles o DNA na estrutura que querem, eles não saberiam como reunir todos os componentes por causa da sofisticação dentro de uma célula. Os interactomes, a conectividade interativa entre as moléculas . . . precisa estar no lugar certo e na ordem certa para que uma célula funcione. Nem sabemos como definir a vida, muito menos saber como estimulá-la para começar!”.

Vamos resumir e citar mais comentários do Dr. Tour à medida que avançamos.

A abundante deseducação sobre o assunto

Se você estudar um livro típico de uma faculdade ou do ensino médio, você vai ler que a vida começou em um lago pré-histórico com produtos químicos formando moléculas que se uniram para formar uma célula simples, e que a vida despertou a partir de um raio ou algo semelhante, e, conseqüentemente, surge uma criatura que desliza para fora de um lago em direção à terra seca.

Mas isso é totalmente falacioso! Os cientistas, depois de receberem todos os elementos e produtos químicos que encontramos em uma simples célula viva, não sabem como fabricar as moléculas necessárias para sua montagem e nem mesmo como montá-las.

O Dr. Tour coloca desta forma: “Além de não sabermos como criar os componentes básicos, também não sabemos como construir a estrutura—mesmo que recebêssemos todos os componentes básicos . . . e mesmo se eu te desse todos os componentes ou se te entregasse todos os aminoácidos, toda a proteína, todas as estruturas proteicas daqueles aminoácidos que você queria e também todos os lipídios na pureza solicitada, o DNA, o RNA, e na sequência que você queria (ou seja, mesmo se eu lhe dar o código) . . . Agora, você conseguiria

montar uma célula aqui em qualquer laboratório? . . . E não estou dizendo em uma fossa prebiótica, mas em seu belo laboratório? A resposta é um retumbante não! E se alguém afirmar o contrário, certamente não sabem o que estão a dizer neste assunto”.

Há um enorme mal-entendido, até mesmo entre os professores de ciências e biologia, de que a humanidade sabe como construir a vida uma vez que sejam dadas todas as estruturas, ácidos e lipídios necessários. Entretanto, *nunca* se conseguiu montar nada que criasse uma única célula ou algo próximo disso!

Como aponta o Dr. Tour, os artigos das revistas anunciam orgulhosamente que os cientistas sabem como fabricar a vida, e então a pessoa comum lê e acredita que os cientistas sabem como fazer isso. Até alguns cientistas creem que *outros* cientistas sabem como fazê-lo, mas eles não sabem—ninguém sabe! O público em geral está sendo absurdamente enganado!

Chegou a hora de um recall!

Você já teve um automóvel que precisou de um recall de segurança? Talvez os cintos de segurança não estivessem dentro do padrão ou os airbags pudessem disparar prematuramente ou os freios não suportassem condições difíceis. Por conseguinte, você recebe um aviso para levar seu veículo a uma concessionária autorizada para que as peças instaladas sejam substituídas. E tudo isso para sua própria segurança.

Nesse caso, a reputação do fabricante de automóveis está em risco. Se não corrigir o problema de segurança para que o veículo volte a funcionar normalmente, ele perderá clientes e suas vendas poderão despencar.

O mundo acadêmico deve adotar o mesmo critério. O fato é que, por muitos anos, nossos livros didáticos de ensino médio e universitário vêm fazendo alegações sobre a origem da vida que são totalmente falsas. Chegou a hora de renovar esses livros! Chegou a hora de os cientistas serem honestos sobre o que realmente sabem e não sabem sobre a constituição da vida. Está na hora de nossos alunos entenderem que, mesmo quando recebem todos os componentes necessários da vida em um ambiente laboratorial estéril e perfeito (sem falar na entrega em uma bandeja de prata, sem precisar criá-los), as maiores mentes de nosso tempo, os químicos orgânicos mais inteligentes, não conseguem explicar a origem da vida nem criar uma simples célula.

O tempo ilimitado para a origem casual da vida

Você pode ter sido informado de que, com tempo suficiente, milhões ou bilhões de anos, existe uma chance, uma probabilidade, de que a vida possa se iniciar por conta própria. Mais uma vez, isso não é verdade. O tempo é um *inimigo* da síntese orgânica, não um amigo.

Muitos dos elementos químicos necessários para a vida são produtos cinéticos, o que significa que eles não são termodinamicamente estáveis. Por exemplo, carboidratos—uma das classes principais de compostos que ligam o DNA—são produtos cinéticos que se decompõem em um período muito curto. Portanto, se ao longo de bilhões de anos um carboidrato se formasse por acaso, ele se decomporia muito rapidamente—muito antes que todos os outros componentes necessários estivessem disponíveis para gerar vida.

Será que as moléculas realmente se formaram misteriosamente sozinhas e ficaram ali esperando milhões de anos até que chegas-

sem as outras moléculas? Não! A química orgânica não funciona dessa maneira.

O Dr. Tour observa que qualquer estudante universitário que cria reações para produzir carboidratos e volta para casa no fim de semana sem interromper a reação em um momento preciso, armazenando-a em uma garrafa estéril e em condições inertes no congelador, quando retorna encontra um carboidrato caramelizado que agora é inútil. E pensar que alguns cientistas acreditam que isso de alguma forma funcionaria em um lago primordial sem condições ou controles de laboratório! Imagine!

Mais uma vez, o tempo é realmente *inimigo* desse processo!

Os componentes químicos da vida não foram reproduzidos pela ciência

Os produtos químicos necessários para a vida são mais do que apenas carbono e água. Você também precisa de aminoácidos. E eles precisam se conectar para formar proteínas—e não é fácil conseguir que aminoácidos realizem essa união.

Então, você vai precisar de enzimas. Mas em um mundo prebiótico não existem enzimas, pois as próprias enzimas são feitas de aminoácidos e proteínas.

Depois disso, você deve ter carboidratos e uma maneira de vinculá-los. Isso é extremamente complexo. Considere apenas o exemplo que o Dr. Tour fornece do simples carboidrato D-manose (um açúcar relacionado à glicose). Se você fabricar seis unidades de D-manose, elas poderão ser ligadas em mais de *um trilhão de combinações diferentes*, e apenas uma funcionará. Como você conseguiria isso por um acaso?

Em seguida, você precisa de lipídios. Os lipídios precisam ter duas caudas moleculares—não apenas uma. Se tivesse apenas uma, isso desestabilizaria as camadas de membrana que eles precisam formar. Como isso é feito em um sistema prebiótico? Nenhum cientista sabe!

Depois disso, você deve ter ácidos nucleicos. De algum modo, eles precisam se ligar de maneira muito limpa a um carboidrato, que precisa ser produzido independentemente, sem se tornar caramelizado.

O próximo é o nucleotídeo que precisa se unir a um grupo fosfato—mas isso é feito apenas por enzimas. Os químicos orgânicos sintéticos não sabem como fazer isso de forma limpa *antes de existir as enzimas*.

A ciência nem sabe *fazer todas essas peças*—muito menos conectá-las! Certamente, temos voos espaciais, veículos em Marte, chips de silício, computadores e conectividade Wi-Fi (nada disso tem vida)—a humanidade *não pode criar vida*, mesmo com todos esses elementos construídos em nosso ambiente. (E, na verdade, não podemos nem construir os blocos para a construção!) Então, por que deveríamos acreditar que forças cegas e ininteligentes poderiam fazer isso?

Os argumentos da probabilidade destroem a ideia da origem da vida ao acaso

O “tempo profundo” é normalmente invocado para melhorar as chances de vida que surgem por acaso. O pressuposto subjacente é que, com tempo suficiente, eventualmente, tudo e qualquer coisa se tornam possíveis—incluindo o surgimento da vida completamente ao acaso. Portanto, a enorme quantidade de tempo deve ser levada



em consideração para mitigar as probabilidades extremamente remotas envolvidas. Mas, o fato é que os números são simplesmente *grandes demais* para serem superados. Não há tempo suficiente (estimados em 14 bilhões de anos desde a formação do nosso universo) para que uma combinação aleatória de fatores se reúna para gerar até mesmo uma simples proteína, muito menos ainda um organismo vivo.

As probabilidades contra tal ocorrência são muito maiores que o número total de átomos existentes no universo! E mesmo se o universo fosse muitas vezes mais velho isso ainda não chegaria nem perto.

Para ilustrar, o Dr. Tour observa que as combinações possíveis de interações proteicas em uma única célula de levedura são de 10 elevado a potência de 79 bilhões! Isto é um 1 seguido não apenas de 79 zeros, mas de 79 bilhões de zeros! Este é apenas o número de interações moleculares (interactome) em apenas uma proteína. É impossível de se compreender isso. Em comparação, o número estimado de partículas elementares em todo o universo é de apenas 10^{90} (dez elevado à nonagésima potência)!

Temos voos espaciais, veículos em Marte, chips de silício, supercomputadores—mas não podemos construir uma simples célula viva.

O Dr. Tour afirma ainda: “Além das três mil proteínas presentes nessa célula de levedura, você ainda precisa de todo o DNA e todo o RNA. Você precisa ter todos os carboidratos. Lembre-se de que os carboidratos têm sua própria ordem de definição pela maneira como são conectados . . . Você pode colocar mais informações nos carboidratos que estão na superfície celular do que as armazenadas no DNA e no RNA combinados. E essa informação tem que vir de um modelo de DNA original, além de uma série de outras cascatas de enzimas. Tudo isso está nessa [única] célula, além desses interactomes. Isso é muito complexo. *A origem da vida é um problema complexo*, e é difícil atribuir isso a apenas um número extenso”.

(Além dessa entrevista, vale a pena assistir outro vídeo com o Dr. Tour no *Discovery Institute* no Youtube: “James Tour: O Mistério da Origem da Vida”, gravado em Dallas na Conferência Ciência e Fé em janeiro de 2019).

O retorno de Deus

Tempo, probabilidade, ciência e as mais brilhantes mentes humanas (e, como essas mentes chegaram a ser assim?) não podem explicar a origem da vida. Então, o que pode?

Estamos nos aproximando de um tempo em que a sociedade pode rejeitar o darwinismo e experimentar uma espécie de reavivamento religioso. Mais de duzentos anos após o nascimento de Charles Darwin, um número crescente de pessoas está voltando a crer no Deus Criador (ou no Design Inteligente) como a melhor explicação para a origem da vida. Os evolucionistas tiveram cento e sessenta anos desde a publicação de *A origem das Espécies*, de Darwin, para explicar a origem da vida e a complexidade da criação. Mas, eles fracassaram completamente.

Está na hora de voltar ao entendimento da maioria da sociedade

ocidental antes de Darwin—a crença em Deus como o Criador de todas as coisas!

O Dr. Stephen Meyer é um ex-geofísico e professor universitário, que tem doutorado em história e filosofia da ciência pela Universidade de Cambridge. Ele é líder do movimento de Design Inteligente, e agora dirige o Centro de Ciência e Cultura do *Discovery Institute*. Meyer é o autor do mais recente best-seller do *New York Times*, *Darwin's Doubt: The Explosive Origin of Life Animal and the Case for Intelligent Design* (A Origem Explosiva da Vida Animal e o Caso do Design Inteligente, em tradução livre, 2013), bem como *Signature in the Cell: DNA and the Evidence for Intelligent Design* (Assinatura na Célula: DNA e Evidência do Design Inteligente, em tradução livre, 2009).

Agora Meyer está concluindo seu último livro, *The Return of the God Hypothesis: Compelling Scientific Evidence for the Existence of God*, (O Retorno da Hipótese de Deus: Evidências Científicas Convencientes Sobre a Existência de Deus, em tradução livre), com lançamento previsto para abril de 2020. Ele está desenvolvendo um argumento essencial para o Design Inteligente, mostrando que existe um terceiro fator fundamental necessário para a vida ao lado da matéria e da energia—a *informação*.

Mas, de onde vêm as informações codificadas na célula? Ela não é *material*, assim como o artigo que você está lendo não é o meio em que está escrito, mas a mensagem que ele comunica. As informações incorporadas na natureza, até os mínimos níveis, exigem uma *mente* inteligente, pensante e planejadora, por trás de toda a criação. E essa mente é a *mente de Deus*.

Esta é a resposta para a nossa existência e a origem da vida: Deus.

Deus existe, e Sua obra como Criador é a única explicação razoável para a origem da vida. Como o Dr. Tour explica tão eloquentemente, do ponto de vista de um químico orgânico sintético, é impossível que a vida tenha começado por acaso a partir de longos períodos de tempo. Isso simplesmente não poderia ter acontecido assim! (Para obter mais provas da existência de Deus, baixe ou solicite nosso guia de estudo bíblico gratuito *A Questão Fundamental da Vida: Deus Existe?* em <https://portugues.ucg.org/>).

As crescentes dúvidas sobre Darwin e a evolução

O site Conservapedia tem um longo artigo sobre a evolução. Embora as citações a seguir sejam de uma década ou mais atrás, elas mostram a tendência de cada vez mais cientistas se afastando do darwinismo:

“Uma pesquisa de 2005 do Louis Finkelstein Institute for Social and Religious Research (Instituto Louis Finkelstein de Pesquisa Social e Religiosa) constatou que 60% dos médicos norte-americanos rejeitam o darwinismo, afirmando que não acreditam que os seres humanos tenham evoluído apenas através de processos naturais. O estudo também relatou que 1/3 de todos os médicos apoia a teoria do Design Inteligente sobre a evolução.

“Em 2006, a prestigiosa revista *Science* relatou o seguinte sobre os Estados Unidos: ‘O número de pessoas no país que aceitam a ideia de evolução caiu de 45% em 1985 para 40% em 2005. Enquanto isso, a fração de norte-americanos inseguros sobre a evolução disparou de 7% em 1985 para 21% no ano passado.’

“Em janeiro de 2006, a BBC noticiou sobre a Grã-Bretanha: ‘Pouco menos da metade dos britânicos aceita a teoria da evolução como a melhor definição para o desenvolvimento da vida, segundo uma

pesquisa de opinião. Além disso, mais de 40% dos entrevistados acreditam que o criacionismo ou o design inteligente devem ser ensinados nas aulas de ciências nas escolas”.

Aqui estão os relatos de outras fontes sobre as crescentes dúvidas acerca da validade do darwinismo e da evolução: “Os críticos mais ferrenhos de Darwin foram os cientistas; e os teólogos que o criticaram se opunham principalmente à insistência filosófica em causas naturais e à negação do design—que Charles Hodge, de Princeton, considerava como ‘equivalente ao ateísmo’. Ainda hoje, muitos críticos do darwinismo não são fundamentalistas religiosos, e um número crescente de críticos são cientistas credenciados” (“O Problema da Evidência”, Jonathan Wells, revista *Forbes*, 5 de fevereiro de 2009).

“Um número crescente de cientistas respeitáveis está desertando do campo evolucionista . . . Além disso, na maioria dos casos, esses ‘especialistas’ abandonaram o darwinismo, não com base na fé religiosa ou em persuasões bíblicas, mas baseando-se estritamente na ciência e, em alguns casos, com pesar” (*Origins Answer Book*, [Livro de Respostas Sobre Origens, em tradução livre], Wolfgang Smith, citado por Paul Taylor, 1995, p. 107).

“Os cientistas que estão na vanguarda da investigação colocaram o darwinismo clássico contra a parede. Eles não publicaram essas notícias, mas as mantiveram em seus documentos técnicos e conselhos internos. Por outro lado, muitos evolucionistas de segundo escalão continuam repetindo que esses pequenos milagres . . . foram realizados passo a passo pela seleção natural; mas essas etapas nunca são mostradas. Na maioria das vezes, eles fazem isso porque são obrigados a dizer algo—qualquer coisa é melhor do que admitir ignorância—e não sabem mais o que dizer” (*The Bone Peddlers: Selling Evolution* [Os Mascates de Ossos: Vendendo a Teoria da Evolução, em tradução livre], William Fix, 1984, pp. 179-180).

A fé renovada será sequestrada

Ao examinar os fatos que apontam claramente para um Criador divino, lembre-se de que, a princípio, uma crença revitalizada na religião parecerá algo muito bom na comunidade global. Mas, como aconteceu recorrentemente na história da humanidade, a Bíblia mostra que outras forças vão entrar em cena, e o que deveria ser uma coisa boa será usado para algo perverso. A crença religiosa será sequestrada por uma poderosa aliança entre a igreja e o Estado, centralizada na Europa e será terrivelmente orientada para o mal.

As escrituras mostram, enfaticamente, que um “retorno religioso a Deus” envolverá nosso planeta durante o tempo do fim. Talvez a crença ateuista na evolução não será mais tão comum como é agora. Uma gigantesca máquina geopolítica receberá poder de uma religião global.

O livro de Apocalipse refere-se aos principais parceiros desse futuro bloco de poder como a Besta e o Falso Profeta. Os eventos descritos na segunda metade do livro de Apocalipse estão ligados diretamente ao passado e ao futuro de dois grupos representados simbolicamente por *duas mulheres que são diametralmente opostas*.

A primeira, descrita em Apocalipse 12, representa aqueles que foram e são o povo da aliança de Deus—a Igreja de Deus—os servos de Jesus Cristo do Antigo Testamento e do Novo Testamento.

A segunda mulher, também representando uma igreja, é apresentada em Apocalipse 17 como uma prostituta. “E, na sua testa, estava escrito o nome: MISTÉRIO, A GRANDE BABILÔNIA,

A MÃE DAS PROSTITUIÇÕES E ABOMINAÇÕES DA TERRA... [Ela está] embriagada do sangue dos santos e do sangue das testemunhas de Jesus” (Apocalipse 12:5-6).

Por fim, as influentes relações dessa igreja alcançarão os mais altos escalões políticos e sociais. Como diz Apocalipse 18: “Os reis da terra se prostituíram com ela. E os mercadores da terra se enriqueceram com a abundância de suas delícias . . . Porque já os seus pecados se acumularam até ao céu, e Deus se lembrou das iniquidades dela” (versículos 3, 5).

Deus chama essa mulher, essa igreja—com suas práticas corruptas e envolvimento nos assuntos mundiais—de Babilônia, a Grande. Ela estabelecerá os *padrões culturais e religiosos* para o império político-religioso da Besta no fim dos tempos.

E, certamente, haverá um reavivamento religioso e o retorno a algum tipo de crença em Deus, mas o sistema político e religioso instituído à força às nações usará esse entendimento para avançar em suas próprias posições e oprimir as massas como em tempos passados.

No tempo do fim, muitos conceitos ímpios e antibíblicos serão adotados amplamente por causa da influência de Satanás, o diabo. Roma, herdeira espiritual das tradições idólatras da antiga Babilônia, emergirá novamente como a principal cidade como um renascimento estendido do antigo Império Romano.

Os cidadãos de muitos países aceitarão seu enfoque quanto aos relacionamentos pessoais e espirituais. E eles terão influência e poder sobre as pessoas. Por isso, ela se gabará: “Estou assentada como rainha, não sou viúva e não verei o pranto” (versículo 7). Contudo, Deus a rotula como a mãe das prostitutas e uma cidade cheia de abominações.

Novamente, uma crença revitalizada na religião parecerá muito boa, a princípio, mas ela se tornará uma ferramenta para essa poderosa união política e religiosa (semelhante à Babilônia), levando as nações a um terrível erro.

Para entender mais sobre esse sistema religioso revivido que dominará a sociedade, baixe ou solicite nosso guia de estudo bíblico gratuito *O Livro de Apocalipse Revelado* (disponível em <https://portugues.ucg.org/>).

Enfim, Deus voltará

O que tudo isso significa? E qual é a solução definitiva para esse caos que se aproxima? No fim, Deus realmente *estará de volta*, e da maneira correta. Mas, não será um retorno a um sistema religioso falso, mas um retorno de Jesus Cristo como Rei sobre toda a Terra. Deus instituirá mil anos de paz e felicidade, período geralmente chamado de milênio.

E esse é o retorno definitivo de Deus, quando todos finalmente conhecerão a verdade sobre as origens da vida e até o surpreendente propósito por trás de tudo isso! **BN**



PARA SABER MAIS

O que a ciência realmente diz sobre a origem da vida e da humanidade? Baixe ou solicite gratuitamente nossos esclarecedores guias de estudo bíblico “A Questão Fundamental da Vida: Deus Existe?” e “Criação ou Evolução: Será Que Realmente Importa em Que Você Acredita?”. Solicite-os sem nenhum custo para você!

<http://portugues.ucg.org/estudos>



Previsibilidade Ou Evolução Cega?

O argumento de que a natureza é fruto do acaso e que apenas parece projetada tem cada vez mais dificuldade de se sustentar diante das crescentes evidências de previsibilidade e planejamento.

por Mario Seigle

Este ano de 2019 marca o 160º aniversário do famoso livro de Charles Darwin, *A Origem das Espécies*, que nos deu a popular teoria da evolução. Essa teoria tem sido ensinada por muito tempo em quase todas as escolas e universidades do mundo, principalmente na forma de dogmas, mas há um crescente desconforto e ansiedade entre muitos cientistas acerca dela. As evidências contra a teoria continuam se acumulando à medida que se aumenta a compreensão da incrível complexidade da vida a nível molecular.

Atualmente, existem duas teorias principais para explicar a vida na Terra. Uma afirma que é preciso um Projetista e Criador inteligente e a outra insiste que as leis naturais e as forças não direcionadas do universo, incluindo a seleção e a mutação naturais, são suficientes para produzir coisas vivas que parecem projetadas, mas que, na verdade, são o resultado de uma sequência de ocorrências aleatórias cegas e sem propósito.

Darwin, naturalista britânico do século XIX, defendeu a ideia de que toda a vida evoluiu de uma ou de algumas formas simples. Ele deu origem à ideia de que a natureza não precisa de um Criador divino—que, em vez disso, todas as espécies da Terra podem ser prontamente explicadas através da seleção natural e da variação aleatória.

Apesar de essa teoria ser predominante na academia moderna, há uma crescente pressão contra ela. O Design Inteligente está ganhando terreno por várias vias, incluindo evidências crescentes de previsibilidade no design, como veremos.

Uma mera ilusão de design?

Richard Dawkins, um zoólogo e famoso evolucionista ateu, definiu a biologia que trabalha através da evolução darwiniana como “o estudo de coisas complicadas que parecem ter sido projetadas para um propósito” (*O Relojoeiro Cego*, 1986, p. 1, grifo nosso). Até hoje, ele nega que os seres vivos sejam realmente projetados para um propósito e insiste que isso só parece ser assim, já que isso é apenas uma ilusão. Em outras palavras, ele rejeita a ideia de haver qualquer previsibilidade e planejamento envolvidos na formação de sistemas vivos.

Porém, cada vez mais cientistas estão duvidando da eficácia dessa teoria. Aliás, em 2016, muitos cientistas renomados se

reuniram na Royal Society de Londres, uma das academias de ciências mais antigas do mundo, para discutir as “solicitações de revisão da teoria padrão da evolução”, reconhecendo que “as questões envolvidas continuam sendo muito contestadas” (“Novas Tendências Em Biologia Evolutiva”, *RoyalSociety.org*, novembro de 2016). Essa reunião foi um marco científico que demonstrou a crescente preocupação com as fragilidades dessa teoria!

Não existem apenas evidências gritantes de design para serem discutidas, como também há cada vez mais provas de que diversos desafios foram previstos nesse design. Recentemente, o químico brasileiro Marcos Eberlin, um dos principais químicos do mundo, ousou expressar a verdade sobre as falhas sérias da teoria da evolução, apontando:

“Nesta visão, a evolução forneceu design sem um projetista. Vemos as evidências de um design intencional no universo e em nós, mas devemos acreditar que isso é apenas uma ilusão e que, na realidade, um processo não guiado por qualquer coisa, exceto as leis e constantes da natureza, lentamente formou tudo o que sabemos—o universo, as estrelas, o oceano, o céu e as nuvens, o RNA e o DNA, os ribossomos, as bactérias, os peixes, os pássaros, os chimpanzés e nós. Assim nos dizem.

“Infelizmente, essa história restringiu a ciência, estreitou nossos horizontes e amorteceu nossa admiração. Felizmente, um pouco de ar fresco finalmente entrou em cena. As evidências de *previsão e design* na natureza estão se tornando progressivamente mais aparentes à medida que buscamos descobertas científicas. E, diferentemente da filosofia materialista, uma abertura às evidências para o design inteligente amplia os horizontes da ciência” (*Previsão: Como a Química da Vida Revela o Planejamento e o Propósito*, 2019, p. 145).

A importância da previsibilidade

Uma das descobertas que está revolucionando os campos da biologia e da bioquímica é os crescentes indícios do envolvimento da previsibilidade e do planejamento na composição dos seres vivos.

Seria necessário ter havido previsibilidade—planejamento antecipado—para produzir soluções engenhosas com as quais os organismos estão munidos para lidar com todo tipo de problemas. Essas soluções já estavam em vigor quando os problemas foram

encontrados, ou então as espécies não teriam sobrevivido e se perpetuado.

Por exemplo, analise o sistema imunológico e a coagulação sanguínea—sem os quais inúmeras criaturas morreriam de infecção ou lesão antes de viverem o suficiente para transmitir seus genes. No entanto, essa previsibilidade no design também é muitíssimo fundamental—no que tange à própria formação de organismos vivos.

Vamos observar outros exemplos de aparente previsibilidade e planejamento, então você pode julgar por si mesmo se isso pode ser explicado como sendo uma ilusão—ou como algo que aponta para um Projetista!

As chaperonas na formação de proteínas

À medida que os cientistas examinavam mais profundamente a célula, eles finalmente descobriram um dos problemas de engenharia mais complicados a nível fundamental—como as proteínas, os blocos de construção da estrutura biológica, conseguem se dobrar em sua forma precisamente programada para funcionar corretamente.

Os pesquisadores descobriram uma proteína especializada chamada *chaperona*, que age como um acompanhante humano—uma pessoa encarregada de cuidar ou supervisionar outras pessoas, como um adulto com um grupo de crianças para garantir que tudo esteja dentro dos limites estabelecidos. Um acompanhante de proteína supervisiona a proteína para dobrar da maneira correta e assumir sua forma tridimensional. Esta é uma das coreografias mais complexas da natureza.

O professor Eberlin explica: “Muitas proteínas exigem que as chaperonas se dobrem rápida e adequadamente. Em vez de automontagem espontânea, encontramos montagem assistida. E mesmo depois que as proteínas são dobradas corretamente, as acompanhantes as ajudam a manter seus estados funcionais . . . Esse trabalho é indispensável. As proteínas mal dobradas não são apenas inúteis para a célula, mas também prejudiciais . . . Sem elas [as chaperonas], não há vida. E, no entanto, as *próprias chaperonas são feitas de proteínas* que devem ser adequadamente dobradas e mantidas por *outros tipos* de chaperonas. Para aqueles comprometidos com os cenários de *origem da vida sem previsibilidade e planejamento*, esse é um problema diabolicamente difícil como o *dilema do ovo ou a galinha* . . .

“A probabilidade de centenas de proteínas essenciais se dobrarem por si mesmas na forma correta e na velocidade adequada, sem erros, leva a uma convicção racional . . . Sem as chaperonas, não existiria células viáveis” (pp. 72-76).

Então, o que veio primeiro, a proteína ou a chaperona? Você precisa que *ambas* existam *ao mesmo tempo* para que muitas proteínas grandes se tornem funcionais. Como poderia haver proteínas sem chaperonas? E como as proteínas chaperonas se desenvolveram sem outras proteínas chaperonas guiando-as?

E qual é a utilidade de uma chaperona sem outra proteína para guiá-la? Por que a seleção natural selecionaria essas acompanhantes antes de serem necessárias? Como tudo isso poderia ter evoluído pelo acaso?

A melhor explicação—e, na verdade, a única lógica—é que uma mente magistral estava envolvida no processo, antecipando-se ao complexo problema do dobramento e criou

a proteína e a chaperona ao mesmo tempo, para que ambos pudessem fazer efetivamente seu trabalho!

A milagrosa casca do ovo

E por falar do dilema do ovo ou a galinha, outro grande exemplo de previsibilidade na natureza é a humilde casca do ovo da galinha. Em primeiro lugar, existem muitos problemas a serem resolvidos, se o filhote em desenvolvimento sobreviver ao período de incubação de três semanas dentro do ovo.

Um grande desafio quanto a esse desenvolvimento é como respirar dentro do ovo. Se o ovo estivesse perfeitamente selado, o filhote logo se sufocaria. Não obstante, se a casca do ovo fosse porosa, seu conteúdo poderia vaziar.

A resposta é uma casca de ovo *semi-porosa*, onde o oxigênio pode entrar sem deixar vaziar o valioso conteúdo do interior. A casca possui sete mil poros de tamanho e localização ideais para permitir a entrada de oxigênio e a saída de dióxido de carbono. Se os poros fossem maiores ou menores ou até espaçados incorretamente, se perderia a eficácia de todo o sistema e o pintinho morreria.

Esse delicado problema do fornecimento de oxigênio e eliminação do dióxido de carbono, para manter a integridade da casca do ovo, teve que ser resolvido antes do primeiro filhote se desenvolver—na verdade, de qualquer tipo de pássaro e não apenas das galinhas. Era necessário prever e planejar os milhares de poros do tamanho certo em seu posicionamento preciso e no tempo necessário para realizar seu trabalho.

A difamação do apêndice

O último exemplo que consideraremos, entre os muitos disponíveis, é o apêndice humano. Novamente, são as teorias de Darwin, infiltradas em todo o mundo que, em seu livro *A Descendência do Homem*, concluiu que o apêndice humano é um órgão vestigial ou remanescente—uma parte do corpo supostamente remanescente da mudança evolutiva que não tem mais utilidade.

Entretanto, os pesquisadores descobriram que o apêndice é um órgão bastante útil—uma reveladora da previsibilidade em seu design. O apêndice tem duas funções principais. Primeiro, ele é um reservatório de anticorpos que fortalecem o sistema imunológico do corpo. Segundo, ele é um paraíso para bactérias benéficas que repovoam o trato intestinal após um surto de diarreia, a qual elimina as bactérias.

Semelhantemente, a diarreia em si é um mecanismo de proteção do corpo quando substâncias nocivas entram no trato digestivo. O problema é que, embora esse processo aquoso remova os elementos tóxicos, ele também se livra das bactérias intestinais benéficas, que são essenciais para uma digestão adequada.

Então, como o sistema digestivo repovoa rapidamente as boas bactérias? Por meio do apêndice no final do intestino grosso. Ele é um recinto virtual sem saída, posicionado de forma que seu estoque de boas bactérias não seja expulso com as outras bactérias no restante do trato intestinal.

Como observa o professor Eberlin sobre o apêndice: “Sua localização é perfeita do ponto de vista da engenharia hidráulica: está posicionada logo abaixo do fluxo unidirecional normal de alimentos e germes no intestino grosso, ocupa um *beco sem saída* e é assim, bem protegido das perturbações causadas pela diarreia . . . Portanto, o argumento de que o apêndice é um órgão vestigial

que apoia a teoria evolucionária é por si mesmo um vestígio, um resquício da biologia darwiniana do século XIX. Agora entendemos melhor sua função” (p. 121).

Cinco conclusões sobre a previsibilidade

Por onde olharmos, encontraremos evidências de uma mente por trás do design de todas as coisas—uma mente suprema que previa todos os desafios do vasto universo e da vida na Terra em todos os níveis e planejava como esses desafios seriam enfrentados.

Ao refletir sobre as evidências diante de nós, vale a pena citar mais uma vez o livro do Dr. Eberlin—que recebeu o endosso de três vencedores do Prêmio Nobel!—em suas cinco conclusões sobre a previsibilidade:

“1. Vemos muitos exemplos de aparente previsibilidade no mundo natural—problemas sendo antecipados antes que surjam e resolvidos engenhosamente com a entrega pontual de partes múltiplas, essenciais e bem orquestradas.

“2. Sabemos, por nossa experiência uniforme, que a capacidade de antecipar e resolver problemas é uma característica de mentes inteligentes.

“3. Não há exemplos *demonstrados* de processos não orientados e irracionais, antecipando e resolvendo problemas que exigem uma orquestração sofisticada de peças ajustadas, todas reunidas na base de um evento originário. As referências aos casos presumidos e não demonstrados não têm validade.

“4. Portanto, nossa experiência uniforme nos fornece apenas um tipo de causa com a capacidade demonstrada de antecipar e resolver esses problemas—o Design Inteligente.

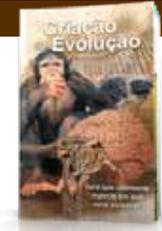
“5. Assim, o Design Inteligente representa a melhor e, de fato, a única explicação causal adequada para os muitos exemplos de aparente previsibilidade no mundo natural, e de situações em

que os problemas são resolvidos engenhosamente com a entrega pontual de peças múltiplas, essenciais e bem orquestradas. *A previsibilidade não é apenas aparente, mas real*” (p. 143).

Sim, a ideia defeituosa de que formas e componentes de vida complexos surgiram e se desenvolveram a partir de um processo cego e sem propósito de seleção e mutação natural está sendo lentamente descartada à medida que mais cientistas de mente aberta seguem as evidências para onde realmente elas levam. (Ver também “Um Renomado Professor de Yale Renuncia À Evolução”, p. XX).

A Bíblia estava à frente de seu tempo desafiando aqueles que tentariam ensinar a criação sem um Criador ou um design sem um Projetista. Há muitos séculos ela nos diz para estudar as maneiras engenhosas das coisas vivas e para sobrevivermos para reconhecer que algo inferior a elas não poderia tê-las feito—e que apenas algo muito superior poderia ter feito tudo isso.

Como declara Jó 12:7-10: “E quem neste mundo não sabe que Deus determinou e realizou todas essas coisas? Pergunte aos animais do campo, às aves dos céus, aos peixes do mar, à própria Terra, e eles todos responderão que foi o SENHOR quem quis assim. Nas mãos de Deus estão as almas de todas as criaturas vivas, a vida de todos os homens”. **BN**



PARA SABER MAIS

Como surgiu a vida e tudo o que vemos ao nosso redor? A evolução é mesmo uma resposta válida? E isso realmente importa? Você precisa saber as respostas! Baixe ou solicite nosso guia de estudo bíblico gratuito "Criação ou Evolução: Será Que Realmente Importa em Que Você Acredita?"

<http://portugues.ucg.org/estudos>

Um Renomado Professor de Yale Renuncia à Evolução

No início deste ano, David Gelernter, um famoso cientista da computação da Universidade de Yale, renunciou à sua crença na teoria da evolução, causando consternação na comunidade científica.

Em um artigo escrito cuidadosamente para o *Claremont Review of Books* intitulado “Desistindo de Darwin” (publicado online em 01/05/2019), o Dr. Gelernter apresentou suas razões para abandonar essa ideia tão idolatrada devido às evidências que apontam para outro caminho.

Ele afirma: “Não há razão para duvidar de que Darwin tenha explicado com sucesso os pequenos ajustes pelos quais um organismo se adapta às circunstâncias locais: mudanças na densidade da pele ou no estilo da asa ou na forma do bico. No entanto, há muitas razões para duvidar se ele pode responder às perguntas difíceis e explicar o quadro geral—não o ajuste fino das espécies existentes, mas o surgimento de novas espécies. A origem das espécies é exatamente o que Darwin não consegue explicar.

“[O estudioso de Cambridge e o pioneiro em design inteligente] Stephen Meyer, pensador meticuloso, em *As Dúvidas do Sr. Darwin* (2013) me convenceu de que Darwin falhou. Ele não pôde responder à grande questão. E dois outros livros também são essenciais: *The Deniable Darwin and Other Essays* (Contestando Darwin e Outros Ensaios, em tradução livre), 2009, de David

Berlinski, e *Debating Darwin's Doubt* (Debatendo a Dúvida de Darwin, em tradução livre) (2015), uma antologia editada de David Klinghoffer, que reúne alguns dos argumentos que o livro de Meyer suscitou. Esses três formam um grupo de batalha fatídico que a maioria das pessoas prefere ignorar. Estes foram usados para apoiar o trabalho de dezenas de cientistas ao longo de muitas décadas, Meyer . . . desmonta a teoria da evolução peça por peça. *As Dúvidas do Sr. Darwin* é um dos livros mais importantes dessa geração. Poucas pessoas de mente aberta conseguirão terminá-lo mantendo a fé em Darwin” (p. 104).

O professor Gelernter concorda com Berlinski que, em contraste com as previsões de Darwin sobre o registro fóssil, “em geral, a maioria das espécies entra na ordem evolucionária totalmente formada e depois parte inalterada”. E, em grande parte, o desenvolvimento incremental de novas espécies não existe” (p. 105).

Gelernter também aponta a dificuldade de produzir uma proteína estável e funcional se a evolução fosse verdadeira, afirmando: “As proteínas são as forças especiais das operações (ou talvez como os fuzileiros navais) das células vivas, exceto que são comuns e não raras; elas fazem todo o trabalho pesado, todas as tarefas difíceis e críticas, em uma variedade deslumbrante de papéis. As proteínas

► (continua na página 18)

DARWINISMO

Desvendado?

A teoria da evolução de Charles Darwin é amplamente aceita em todo o mundo.

Como essa teoria se desenvolveu? Ela é verdadeira? **por Ben Light**

Omês de novembro deste ano marca o 160º aniversário da publicação da obra referencial de Charles Darwin, *A Origem das Espécies*. Sua premissa controversa popularizou a ideia de que a grande variedade de formas de vida que vemos em nosso mundo originou-se de um único ou pequeno grupo de ancestrais comuns como resultado da sobrevivência e reprodução de descendências com características vantajosas—denominada seleção natural.

Com o passar do tempo, esse livro, de forma lenta e decisiva, chegou aos princípios fundamentais das ciências biológicas na academia moderna. Hoje é difícil encontrar um professor ou aluno de biologia que não aceite a teoria da evolução. De fato, a aceitação da evolução pela seleção natural, também conhecida como *darwinismo*, frequentemente é usada como um teste determinante na academia para provar a lealdade da ciência a esse mito.

Contudo, à medida que a tecnologia avança e a ciência torna-se capaz de entender cada vez mais o DNA e o mundo microbológico, estão sendo feitas descobertas que começam a expor a teoria de Darwin. Diversos cientistas—*crentes e descrentes em Deus*—concluíram que a explicação de Darwin simplesmente não é adequada para explicar os níveis de complexidade vistos no mundo natural.

Nos últimos anos, cientistas das áreas de biologia, bioquímica e até de psicologia apresentaram fortes evidências que desafiam o *status quo* acadêmico da biologia—um castelo de cartas que vem sendo construído por 160 anos.

A proposta da mudança lenta e gradual

Em 1831, o jovem Charles Darwin embarcou no navio *H.M.S. Beagle* e zarpou na aventura de sua vida. Por cinco anos, ele serviu a bordo como naturalista. Darwin, de 22 anos, universitário recém-formado, teve muitas oportunidades de explorar vastas áreas da América do Sul e das Ilhas Galápagos, Austrália e Nova Zelândia, além de vários outros locais remotos ao redor do mundo, catalogando e observando a flora, a fauna e os fósseis.

Em 1830, apenas um ano antes, Charles Lyell publicou o primeiro volume de sua obra inovadora, *Princípios de Geologia*, que popularizou o conceito de que os atuais processos que moldam a Terra são os mesmos de eras passadas. Assim, ele acreditava que podemos extrapolar as condições passadas ao observar as taxas e graus de mudança no presente.

Esse processo foi chamado de *uniformitarismo*. Alegou-se que os lentos processos de hoje, que têm atuado paulatinamente por longos períodos de tempo, foram responsáveis pelo aumento das

cadeias de montanhas, pela erosão dos cânions e pelo surgimento de ilhas.

Antes do trabalho de Lyell, o entendimento comum era de que a Terra sofreu mudanças através do *catastrofismo*, que sustentava que a variação geológica da Terra se devia a eventos catastróficos periódicos em larga escala, e não a mudanças lentas e incrementais.

O conceito do uniformitarismo virou de cabeça para baixo o mundo da geologia e influenciou fortemente a Charles Darwin. Durante seu tempo a bordo do *Beagle*, Darwin *devorou* o livro de Lyell.

Em uma parada em Valdivia, Chile, a tripulação do *Beagle* testemunhou um forte terremoto e, depois de zarpar, testemunhou a devastação causada nas aldeias e na costa. Darwin e a equipe observaram uma área em que o terreno sofreu uma alteração de um metro e meio.

Essas observações, combinadas às ideias de Lyell, levaram Darwin a considerar que o uniformitarismo e as leis e forças biológicas naturais podem ter o mesmo efeito sobre as espécies. Mais tarde, ele se perguntaria se a extrema diversidade observada na flora, na fauna e nos fósseis da América do Sul poderia ter ocorrido não por causa de grandes mudanças ao longo de milhares de anos, mas por pequenas mudanças incrementais impulsionadas por algum processo natural ao longo de milhões de anos.

A seleção natural

Anos após sua viagem, Darwin finalmente teve à ideia da mudança evolutiva gradual. Mas que processo ou mecanismo poderia causar isso?

Darwin tinha o hobby de criar pombos e participava de vários clubes de criação de pombos na Inglaterra. Ele sabia que os grupos de pombos mudavam através do processo artificial de criação seletiva—reunindo pássaros com as características desejadas para gerar outros semelhantes.

Darwin começou a se questionar se algo semelhante poderia ocorrer na natureza. De alguma forma a natureza poderia reger como os organismos se modificam ao longo de gerações?

Em suas viagens, ele observou como os animais produzem mais proles do que as que podem sobreviver. Ele observou como há competição entre esses organismos por comida, água e parceiros. E, com o tempo, ele pensou em certas vantagens que permitiam que alguns tivessem mais sucesso que outros. Se essas vantagens pudessem ser transmitidas de pais para filhos, os organismos desenvolveriam maior aptidão para a sobrevivência ao longo

de muitas gerações, pois aqueles com as adaptações benéficas sobreviveriam e se reproduziriam e os outros não.

Ali estava um mecanismo para a evolução. E ele chamou isso de *seleção natural*.

Darwin reconsiderou muitas de suas anteriores observações nas Ilhas Galápagos sob essa ótica. Ele aprendera que ali havia um enorme grau de variante entre os bicos e as formas corporais dos tentilhões.

Mais tarde, outros retomariam o estudo desses tentilhões. Observou-se que determinados tipos de bico eram predominantes em certas ilhas, e isso parecia ter uma correlação direta com o tipo de alimento disponível. Os tipos de bico pareciam ser capazes de mudar com base na disponibilidade de alimentos de ilha para ilha, o que parecia sugerir que aquelas aves não adaptadas à fonte de alimento disponível morreram. E aquelas com adaptações favoráveis sobreviveram e se reproduziram para transmitir essas adaptações.

As variações do tentilhão seriam usadas para demonstrar que as espécies mudam, concluindo que, como Darwin havia proposto, os organismos mudam ao longo de gerações, desenvolvendo adaptações estruturais em resposta às mudanças nas condições ambientais por meio da seleção natural. (Entretanto, apontou-se que as mudanças entre os tentilhões eram flutuações dentro e fora de certos limites em vez de uma clara progressão do desenvolvimento).

Então, entendeu-se que essa adaptação estrutural era para acomodar a função necessária.

O estruturalismo versus funcionalismo na biologia

Darwin enxergava o mundo a partir de uma perspectiva funcionalista.

Durante quase dois séculos, os biólogos abordaram questões sobre a natureza da forma orgânica a partir de dois campos opostos — os pontos de vista do funcionalismo e do estruturalismo.

O funcionalista biológico acredita que a ordem e a estrutura dos organismos vivos—o bico de um pássaro, um membro de cinco dedos—pode ter surgido como resultado de uma necessidade funcional. Para os funcionalistas, o principal princípio organizador da biologia é a adaptação, que depende de fatores ambientais.

O estruturalismo (também chamado de formalismo), por outro lado, sustenta que as leis da forma biológica que operam nos sistemas vivos, que incluem restrições internas, estão no centro da estrutura dos organismos. Assim, os vários aspectos físicos dos organismos são vistos como limitados a faixas particulares de forma.

Como exemplo, considere a membrana que envolve uma célula animal, a qual controla o transporte para dentro e para fora da célula. Ela é composta de uma série de moléculas fosfolipídicas. Os estruturalistas argumentariam que isso resultou de leis químicas e físicas que permitem diversas possibilidades para sua estrutura, em vez de seguir um processo de adaptação não direcionado e ilimitado.

As limitações de acordo com a lei natural são observadas no enovelamento de proteínas na molécula de DNA, na organização de outros compostos químicos e na formação de cristais. Estes só podem ser organizados de determinadas maneiras. Os estruturalistas argumentam que padrões estruturais comuns em várias criaturas—como membros de cinco dedos em certas aves, répteis, animais marinhos e mamíferos—são formas predefinidas e

não são resultado da função que leva à estrutura.

O estruturalismo permite certa adaptação, mas a explica de maneira bem diferente do funcionalismo, como veremos.

Um castelo de cartas

O funcionalismo, que está na base do darwinismo, é a visão predominante na moderna ciência biológica. Mas e se a totalidade da teoria da evolução for baseada em uma suposição imperfeita? E se a ideia de que os organismos são levados a evoluir em uma resposta aleatória e não direcionada à pressão externa estiver errada? Em vez disso, quais fatores internos pré-determinados geram a forma e a organização molecular a nível celular, se for essa a verdadeira real da adaptação?

O Dr. Michael Denton, bioquímico e autor dos livros *Evolução: Uma Teoria em Crise*, [*Evolução da Natureza: Uma Teoria Ainda em Crise*], é um proeminente defensor do estruturalismo. Ele escreve:

“Claro, todos os estruturalistas aceitam que os organismos exibem as adaptações para servir as condições ambientais externas. Mas estes foram considerados como “máscaras” adaptativas enxertadas, como se fossem para planos básicos ou “padrões primários subjacentes”. Assim, a grande diversidade dos membros de vertebrados—nadadeiras para a natação, as mãos para agarrar, asas para voar—são todas modificações do mesmo plano ou padrão subjacente, que não serve para nenhuma necessidade particular do ambiente” (“Duas Visões da Biologia: Estruturalismo e Funcionalismo”, *Evolution News*, 2016).

Os estruturalistas acreditam que a adaptação existe, mas não necessariamente decorrente de fatores ambientais. Em vez disso, fatores internos, como a genética, produzem padrões específicos que, às vezes, podem ser modificados através da seleção natural, levando à microevolução ou a uma pequena variação. Isso não permite uma estrutura emergente de mutação aleatória e macroevolução.

Denton continua afirmando em relação aos tentilhões de Darwin: “A partir do quadro genético do desenvolvimento emergente, agora fica relativamente fácil imaginar como o ajuste fino adaptativo gradual dos padrões de expressão de um punhado de genes poderia resultar nas diferentes formas de bico dos Tentilhões de Galápagos que vemos hoje. A evolução dos bicos de tentilhões não requer nenhuma função causal além da seleção natural. Alguns bicos de tentilhões se mostraram vantajosos e outros não.

“A lição de Galápagos, e todos os casos de microevolução, é que a seleção cumulativa fará sua mágica desde que haja um *continuum funcional* empiricamente conhecido ou plausível, a nível morfológico [estrutural] ou genético, levando de uma espécie ou estrutura ancestral a outra espécie ou estrutura descendente” (“Evolução: Uma Teoria em Crise Revisitada [Parte Um de Três]”, *Inference: International Review of Science*, 15 de outubro de 2014). Isso significa que a forma do bico estava ali no início e foi gradualmente sendo modificada para algo ainda semelhante.

Isso é substancialmente diferente da evolução darwiniana. Darwin propôs que pequenas variações de uma geração para a seguinte por longos períodos produziram, através do processo de seleção natural, estruturas inteiramente novas e novos tipos de formas de vida, o que agora é conhecido como macroevolução.

Mas, vivendo em um mundo de pensamento científico bastante

primitivo, Darwin não percebeu muitos problemas importantes nessa linha de pensamento.

A compreensão da genética e das mutações genéticas—que os darwinistas tomavam como meio de modificação de espécies—surgiu muito mais tarde. E com isso veio a constatação de que, na maioria das vezes, essa mutação é prejudicial, causando mais problemas do que vantagens. Além disso, as mutações nem sempre são hereditárias. Às vezes, uma nova mutação, mesmo raramente benéfica, não passa para a próxima geração.

Agora, o Dr. Michael Behe, autor de *A Caixa Preta De Darwin: O Desafio da Bioquímica à Teoria da Evolução*, apresenta uma nova constatação em seu livro *Darwin Devolves: The New Science About DNA That Challenges Evolution* (ainda não traduzido para o português). Ele escreve:

“A evolução darwiniana procede principalmente da *quebra ou rearranjo* de genes, o que, de forma contraintuitiva, às vezes ajuda a sobrevivência. Em outras palavras, o mecanismo é consideravelmente *devolucionário*. Ele promove a rápida perda de informação genética. Experimentos de laboratório, de pesquisa de campo e de estudos teóricos indicam fortemente que, como resultado disso, a mutação aleatória e a seleção natural tornam a evolução autolimitada. Ou seja, os mesmos fatores que promovem a diversidade nos níveis mais simples da biologia impedem-no ativamente nos mais complexos. *O mecanismo de Darwin funciona principalmente por desperdiçar informações genéticas para obter ganho de curto prazo*” (2019, pp. 37-38, grifo nosso).

Portanto, do ponto de vista do DNA, o processo evolutivo realmente impede o nível de complexidade que os evolucionistas afirmam que podem alcançar. Isso acaba reforçando a posição estruturalista.

A complexidade irreduzível refuta a evolução

O Dr. Behe apresentou anteriormente a questão da “complexidade irreduzível”, termo que ele cunhou após a exposição ao fundamento do conceito em outros trabalhos, como o livro do Dr. Denton, *Evolução: Uma Teoria em Crise*. Isso significa que sistemas complexos devem ter todos os componentes para funcionar e serem repassados para a próxima geração—que os componentes não podem se reunir gradualmente ao longo de várias gerações. Isso ocorre porque não haveria vantagem em alterações não funcionais—e talvez isso fosse desvantajoso—para que essas alterações não fossem repassadas.

Um exemplo é o que Denton apontou sobre os pulmões das aves. Embora a maioria dos organismos possua pulmões do tipo fole—onde o ar entra, a transferência de gás ocorre e os gases trocados são expirados quando o “fole” se fecha—os pássaros têm pulmões circulatórios. Estes não se expandem e contraem como os de mamíferos ou répteis. Em vez disso, o ar entra nas bolsas de ar traseiros do pássaro, depois flui para o pulmão, e do pulmão para as bolsas de ar dianteiras e depois sai. Isso acontece sem expansão e contração do próprio pulmão. O fluxo é unilateral, eficiente e complexo.

Esse nível de complexidade não poderia ter resultado de mutações aleatórias graduais ao longo de gerações. Esse é um exemplo de complexidade irreduzível. Se os pulmões dos pássaros evoluíssem com o tempo, o que as formas transitórias das criaturas semelhantes a pássaros teriam feito para respirar?

Seria provável que a necessidade funcional tenha levado a essa estrutura em uma série de mutações aleatórias e não direcionadas? Ou é mais provável que a estrutura predeterminada tenha levado a essa função? Evidentemente, a resposta é a última opção.

Outro exemplo de complexidade irreduzível é a molécula de DNA e sua transcrição e tradução celular.

A replicação, transcrição e tradução do DNA—o processo complexo de duplicar a molécula de DNA, transcrevê-la no RNA mensageiro (mRNA) e depois traduzi-lo para sequências de aminoácidos e síntese de proteínas—é outro sistema que é irreduzivelmente complexo. Qualquer mutação aleatória no processo que não leve todo o sistema a operar em conjunto provoca falta de síntese proteica e à provável morte do organismo.

O sistema tinha que estar funcional em sua totalidade desde o início para dar conta de sua existência.

Um projetista e legislador

Tudo isso implica em alguma força diretiva.

Apesar de sua posição a favor do estruturalismo, o Dr. Michael Denton, embora se oponha à evolução darwiniana, continua sendo um evolucionista convicto. Ele não atribui o design, que ele tem como algo implícito, a um poder superior, mas acredita que deve haver algum tipo de direção—alguma força que dispara o gatilho. Ele acredita em uma ordem primordial que transmite a estrutura e em uma ordem adaptativa que a modifica, conforme a necessidade.

O Dr. Michael Behe é um defensor do Design Inteligente. Ele acredita que existe um projetista que criou esses padrões e formas—esse projetista é Deus.

Se aceitarmos que esses cientistas estão corretos quanto ao estruturalismo ser o paradigma pelo qual deveríamos ver o mundo—reconhecendo que a estrutura pré-determinada levou à função—a única conclusão que, logicamente, podemos chegar é que *alguém ou algo estabeleceu essa estrutura para começar*. Alguém ou alguma coisa ditava as leis naturais que faziam com que as proteínas se dobrassem de maneiras previsíveis, os cristais se formassem de maneiras específicas e os genes se expressassem de modo apropriado.

Gênesis 1 afirma claramente que Deus criou os céus e a terra. Ele projetou e formou a lua e as estrelas, as águas, a Terra, as plantas e os animais e também a humanidade à Sua imagem.

Em Jeremias 33:25, Deus declara que foi Ele quem criou a ordem nos céus e na Terra, estabelecendo dia e noite—e Ele criou as leis físicas que regem nosso universo.

Esta é a explicação mais razoável para todas as evidências que vemos. A estrutura com função almejada veio da mente e do trabalho de um Criador supremamente inteligente. A Bíblia nos fala desse Criador e de Seu plano para mim e você como Sua criação especial, os próprios filhos de Deus! **BN**



PARA SABER MAIS

O que os fatos revelam sobre a teoria da evolução? Você realmente sabe dizer? Para ajudá-lo a entender, publicamos um guia de estudo esclarecedor, “Criação ou Evolução: Será Que Realmente Importa em Que Você Acredita?”. Baixe ou solicite seu exemplar gratuito hoje mesmo.

<http://portugues.ucg.org/estudos>

Entrevista Com o Dr. Jay Richards:

Proponente do Design Inteligente

Durante a Conferência em Dallas sobre Ciência e Fé, em janeiro de 2019, o colunista da revista A Boa Nova, Mario Seiglie, entrevistou o escritor e apresentador Jay Richards.

A Boa Nova: Dr. Richards, você está envolvido na controvérsia do Design Inteligente e da evolução darwiniana há mais de vinte anos. Você poderia resumir o progresso feito pelos teóricos do Design Inteligente nesses últimos vinte anos?

Jay Richards: Eu acho que muito do que aconteceu na comunidade do Design Inteligente vem preenchendo os detalhes da argumentação.

Quando me envolvi no projeto nos anos noventa, Bill Dembski [hoje Dr. William Dembski, autor de vários livros sobre Design Inteligente, evolução e criação] e eu estávamos juntos numa pós-graduação. E foi assim que fui atraído para o argumento do ajuste fino. Em seguida, desenvolvemos um conjunto importante de concepções sobre como você deduz o design. O que acontece quando você detecta o design e o que é um indicador confiável de inteligência, tanto no mundo humano quanto na natureza. Mas ainda há muito trabalho a ser feito.

O Design Inteligente, de várias formas, é essencialmente um programa de pesquisa. Então, o que você viu aqui nesta conferência, e o que Steve Meyer [Dr. Stephen C. Meyer, diretor do Centro de Ciência e Cultura do Instituto Discovery] vem fazendo ao longo dos anos, está preenchendo as evidências para o design—incluindo a descoberta de coisas que não sabíamos antes. Vinte anos atrás, poderíamos ter falado sobre as informações no DNA, mas não falamos sobre informações epigenéticas e informações em outras partes da célula e de um organismo.

Em vários aspectos, esse programa de pesquisa é semelhante aos de paleontologistas de uma escavação que detectaram a ponta de um fóssil de dinossauro T-Rex. Então agora você sabe que há algo e que esse não é o lado normal de uma montanha. Esse é um artefato de alguma coisa, mas ainda resta um fóssil de dinossauro inteiro para descobrir. Acho que agora estamos, nesse sentido, no meio da cauda.

Se você notou, no passado, as conferências de Design Inteligente tendiam inicialmente a tratar de coisas como o importante livro do biólogo molecular Michael Behe sobre máquinas moleculares ou sobre o desenvolvimento da pesquisa de Steve Meyer acerca das evidências do DNA ao longo dos anos. Mas agora, se você observar, essas pessoas envolvidas estão presentes em todas as disciplinas científicas. De fato, agora passo mais tempo trabalhando com inteligência artificial e mente—e muitas pessoas estão fazendo a mesma coisa.

Então, começamos com um conjunto de intuições confiáveis que foram provadas ao longo do tempo. Agora, nos últimos vinte anos, começamos a completar esse programa de pesquisa. Ainda assim, eu diria que a colheita é abundante, mas os trabalhadores são poucos. Portanto, entre os cientistas que são vítimas de ataques pessoais, que é uma das dificuldades desse esforço, seria melhor se

houvesse mais protagonistas envolvidos.

Muitos estudantes de pós-graduação e jovens cientistas trabalham nessa questão e percebem que precisam atuar nos bastidores e em silêncio. Obviamente, você pode envolver alguém como James Tour, um cientista muito importante, e ele pode dizer o que quiser (consulte “O Problema da Evolução e o Retorno de Deus”, começando na página 4). Mas também existem outras centenas de professores e pesquisadores juniores que ainda não podem falar sobre esse assunto. Então, eu diria que aumentou a pressão para se conformar e não falar sobre isso, apesar de as evidências estarem mais fortes.

BN: Eu ouvi seu colega, Dr. Jonathan Wells, dizer, em uma conferência sobre Design Inteligente há mais de dez anos, que a evolução darwiniana passaria por uma grave crise de convicções e que sua popularidade começaria a declinar a partir de 2025. Você acredita que ainda esse é o caso ou levará mais tempo?

JR: Eu acho que isso é uma daquelas coisas quase impossíveis de se prever, mas não tenho dúvidas de que isso acontecerá—porque acho que, no fim das contas, a verdade já saindo à tona. Se você observar a história da ciência, verá que as teorias ou paradigmas predominantes podem se sustentar muito tempo depois que as evidências desaparecem e até muito tempo depois da consolidação de todas as anomalias. Mas isso não pode continuar assim para sempre, pois não condiz com a realidade.

Ainda assim, acho que esses fenômenos são imprevisíveis e caóticos, podendo haver até um ponto de inflexão—uma pessoa renomada pode falar a coisa certa e, de repente, tudo muda. Há um famoso aforismo que diz que quando você apresenta uma nova ideia, primeiro eles o ignoram, depois dizem que você é louco e, finalmente, dizem que sabiam que você estava certo o tempo todo. Então, estamos na fase *do louco* e passando por ela.

O que está acontecendo agora é semelhante ao que ocorreu na Conferência da Real Sociedade em 2016, onde havia muitos biólogos e cientistas brilhantes que buscavam algo além da síntese neodarwiniana. Mas eles também se preocupam, porque sabem qual é a principal alternativa ao darwinismo—o argumento do Design. O objetivo principal do darwinismo era expulsar o Design da biologia. Portanto, de muitas formas, a preocupação com o projeto os impede de saltar do barco depois de, provavelmente, já saberem muito bem disso há muito tempo e, portanto, já deveriam ter feito isso.

BN: Isso me lembra da famosa fala de um paleontólogo chinês sobre estar em negação.

JR: Sim, a citação de J.Y. Chen, que disse: “Na China, podemos criticar Darwin, mas não o governo. Nos Estados Unidos, você pode criticar o governo, mas não Darwin”. Isso é realmente verdade. Infelizmente, hoje tem havido mais fanatismo e dogmatismo do que nunca. Quando comecei a falar sobre essas coisas, eu estava um pouco mais seguro como um filósofo que fala sobre o ajuste

fino, e era possível ter uma conversa racional sobre isso. Mas agora chegou ao ponto de não ser mais possível debater publicamente o assunto.

BN: Por milhares de anos, o pensamento predominante foi a crença em um Criador. E isso mudou recentemente. Você acha que estamos longe de voltar ao conceito original?

JR: Eu penso exatamente isso. Pelo menos se você olhar para a história ocidental e até mesmo para os filósofos pré-socráticos, o debate consistia em se o universo era resultado de um Criador ou, pelo menos, era orientado a um propósito. E Platão em seu livro *Timeu* argumenta contra esses sofistas e materialistas pré-socráticos. Pelo menos no Ocidente, esse tem sido o ponto de vista majoritário.

Portanto, estamos numa época estranha em que o criacionismo, segundo as pesquisas de opinião, ainda é um conceito majoritário no mundo, mas não na cultura dominante e nas instituições influentes. Então, eu acho que a evidência predominante da natureza vai tão fortemente contra o materialismo que, em algum momento, vamos vê-la retroceder. Mas os materialistas ainda estão se segurando tenazmente—infelizmente.

BN: Em junho de 2018, um artigo da revista *Human Evolution* apontou que, após examinar as sequências genéticas do DNA mitocondrial em cem mil espécies, as centenas de cientistas envolvidos concluíram que o evento — o aparecimento simultâneo de humanos e a maioria dos animais ou um choque populacional — ocorreu entre cem e duzentos mil anos atrás. O que você pode comentar sobre esta descoberta?

JR: Isso sugere duvidar da ideia de que todas as informações da genética populacional já foram plantadas. Primeiramente, isso mostra que todos os seres humanos não poderiam ter descendido de um único par de seres humanos no passado recente. Contudo, a maioria dessas previsões da genética populacional está repleta de teorias. Pressupõe-se que o relato darwiniano seja verdadeiro e, então, simplesmente conectam-se os dados.

Um fato interessante dessa descoberta é que ela mostra somente que todas essas afirmações são incertas e como a teoria darwiniana é aplicada nos dados e depois tratada como se fosse uma evidência desta teoria—quando, na verdade, é a teoria que está descrevendo os dados. Logo, esse é o problema de muitas dessas comparações. Costumo dizer às pessoas para não aceitarem essa alegação de que a genética populacional tem mostrado que todos nós compartilhamos um ancestral comum ou que *não poderíamos* descender de um único casal de seres humanos.

BN: Outro resultado inesperado desse grande estudo genético, de acordo com David Thaler, um dos coautores do relatório, foi que “as espécies têm limites genéticos muito claros e não há muito entre elas. Se os indivíduos são estrelas, então as espécies são galáxias. Eles estão aglomerados e compactos na vastidão do espaço vazio sequencial. A ausência de espécies “intermediárias” é algo que também deixou Darwin perplexo”. Você poderia comentar sobre essas descobertas?

JR: Sinceramente, acho que isso somente confirma tudo o que aprendemos desde que Darwin escreveu *A Origem das Espécies* em 1859. Se o darwinismo fosse verdadeiro, você esperaria, através da infinita plasticidade entre as espécies e diferentes tipos de organ-

ismos, obter grandes quantidades de variação. Todavia, o que descobrimos, por exemplo, sobre cães domesticados, que são muitíssimo diversificados geneticamente—mas podemos rastrear todos, desde um Chihuahua até um Buldogue Alemão—confirmando que eles são da mesma espécie! Eles atingem uma barreira genética e não avançam mais.

Os melhores exemplos que temos da [suposta] evolução darwiniana em ação seriam a resistência a antibióticos e bactérias, mas isso nunca vai além das bactérias. Eu penso que essa é uma maneira honesta de olhar para as evidências biológicas. O que está acontecendo na biologia, seja qual for o poder da seleção natural e da mutação genética aleatória, é uma mudança de posição e não uma explicação das complexidades ou da diversidade da vida.

Na verdade, o novo livro de Michael Behe, *Darwin Devolves: The New Science About DNA That Challenges Evolution*, realmente detalha isso. E mostra que . . . a capacidade de variação já está fixada e, em algum momento, você atingirá uma barreira, então as mutações aleatórias simplesmente não farão mais nada por você.

BN: Há mais alguma coisa que você gostaria de dizer, especialmente aos jovens de hoje, acerca do debate sobre o Design Inteligente versus a evolução darwiniana?

JR: Eu encorajaria os jovens e *qualquer pessoa* que ouvir as palavras “design inteligente” a não acreditar que sabem o que significa e, especialmente, a não crer que os críticos do Design Inteligente estejam explicando o tema com precisão. Se tiver curiosidade, reserve um tempo para ler alguns dos livros dos defensores do Design Inteligente para compreender seus argumentos. Atente para o que eles realmente estão dizendo e não para o que seus críticos dizem que estão dizendo. Não há nada de errado em fazer isso, e eles ainda podem aprender muito sobre algo que nunca teriam aprendido de outra maneira. **BN**



O doutor Jay Richards é membro sênior do Centro de Ciência e Cultura do Instituto Discovery, professor assistente de pesquisa da School of Business and Economics at the Catholic University of America e editor executivo do site de notícias *The Stream*. Ele é autor de muitos livros e editor e coautor da premiada antologia *God and Evolution: Protestants, Catholics and Jews Explore Darwin's Challenge to Faith*. Ele também é coautor do livro *El Planeta Privilegiado: Cómo Nuestro Lugar En El Cosmos Está Diseñado Para El Descubrimiento* do astrônomo Guillermo Gonzales.

Os artigos e ensaios do doutor Richards foram publicados na *The Harvard Business Review*, *The Wall Street Journal*, revista *Barron's*, *The Washington Post*, *Forbes*, *National Review Online*, *Investor's Business Daily*, *The Washington Times*, *The Philadelphia Inquirer* e ainda em muitas outras publicações. Ele participou de muitos programas nacionais de rádio e TV e deu palestras em todo o mundo sobre diversos assuntos.

Ele participou dos documentários *The Case for a Creator*, *The Wonder of Soil*, *The Privileged Planet* e *The Call of the Entrepreneur*. O doutor Richards tem PhD em filosofia e teologia pelo Seminário Teológico de Princeton. Ele mora com sua família em Washington, D.C.



Um Universo Centrado em Deus

A história humana está repleta de ideias equivocadas sobre o universo. O cerne do problema é o fracasso do homem em entender que Deus é o centro de tudo!

por Darris McNeely

A compreensão da humanidade sobre o cosmos nunca foi tão grande como hoje. Entretanto, por muitos séculos, alguns equívocos impediram as pessoas de reconhecerem a verdadeira razão de sua existência. A chave está em enxergar que Deus sempre esteve e sempre estará no centro do universo.

Quando olhamos para as estrelas, o que vemos? A mão de nosso Deus? Ou já perdemos isso de vista?

O universo que temos o privilégio de observar visa revelar o Deus da criação, o Deus de Abraão, o Deus da Bíblia. Ele tem o objetivo de nos revelar nosso propósito e lugar no plano de Deus. Ele nos aponta para Deus. Ele é de grande ajuda para nosso relacionamento com Deus.

O rei Davi olhou para os céus e escreveu o seguinte: “Os céus anunciam ao mundo a glória de Deus. Eles são uma prova fantástica da capacidade de criação de Deus. Cada dia que passa conta ao dia seguinte mais um pouco dessa glória; cada noite mostra à noite seguinte como se pode conhecer o Criador. Esses discursos são silenciosos; não se ouve uma palavra, mas sua mensagem de louvor é ouvida em todas as partes da terra” (Salmos 19:1-4, Bíblia Viva).

Esta passagem é perfeita para se começar a desenvolver a visão de um universo centrado em Deus. Deus criou o universo para mostrar Sua glória. Em todas as direções que apontamos nossos telescópios, nós vemos a imensidão do espaço longínquo. Vemos corpos e sistemas astrais que revelam mais mistérios. Quanto mais vemos, mais aprendemos.

Quando o astronauta da Apollo 11, Buzz Aldrin, desceu da sonda lunar para a superfície da lua, suas palavras descreveram a árida paisagem lunar simplesmente como uma “*magnífica desolação*”.

Essa desolação não termina na lua. Vemos um universo com um grande poder em expansão. Alguns físicos argumentaram que, em algum momento, bilhões de anos a partir de agora, o universo poderá atingir um ponto de plena expansão e colapsar sobre si mesmo, e noutro ponto começar outra expansão, outro “Big Bang”. Muitos outros discordam, argumentando que o universo se expandirá para sempre ao alcançar um resfriamento completo até o zero absoluto e o fim da coesão material—a suposta morte térmica do universo. Outros imaginam que uma misteriosa energia escura vai acabar com tudo.

Nenhuma dessas previsões fornece um cenário reconfortante, deixando-nos apenas inocuidade, solidão e desespero.

Mas se vemos o universo através da ótica de centralização em Deus, somos atraídos por Ele e assim temos muita esperança e entendimento. Saiba que o universo e a vida humana não

terminarão com um estrondo ou uma lamentação! Precisamos entender o universo através da perspectiva de Deus. Quando fazemos isso, encontramos significado e esperança.

Séculos de um ponto de vista errado

A humanidade não enxergou o universo dessa maneira porque os primeiros seres humanos rejeitaram a revelação do conhecimento de Deus no Jardim do Éden, e seus descendentes se desviaram. Quando as pessoas olharam para o céu começaram a ver e a adorar uma falsa concepção de Deus e até de outros deuses—em última análise, “o deus desta era”, Satanás, o diabo (2 Coríntios 4:4).

Separadas do conhecimento do verdadeiro Deus e enganados por Satanás, as pessoas passaram a imaginar um falso panteão de seres divinos nas estrelas. Sua visão enganada do cosmos foi transmitida de várias formas ao longo da história. À medida que o sol e as estrelas se erguiam e se moviam através dos céus, as pessoas pensavam que estavam testemunhando histórias de conflito, luxúria, amor, ciúmes e guerras em andamento. Deuses e deusas, imbuídos de fragilidades humanas, supostamente encenavam dramas nos céus que impactavam a vida na Terra.

Os agricultores pensaram que esses eventos determinavam se teriam ou não uma boa colheita. As mulheres buscavam a fertilidade adorando a estrela brilhante da manhã como uma deusa feminina que concedia a bênção do parto. Os reis buscavam a sabedoria divina em uma combinação de estrelas que pensavam representar seu principal deus.

Essa vívida imaginação governava o pensamento dos babilônios, egípcios, gregos, romanos e o resto do mundo. Todos olhavam para o céu e viam deuses falsos, e não o Deus verdadeiro. Isso levou ao desenvolvimento da astrologia—predizer e ler os eventos futuros da vida de alguém pela posição das estrelas nos céus—que muitos ainda acreditam hoje em dia.

Através da astrologia, o homem deu seu primeiro grande salto em um esquema para descrever como as forças invisíveis da maior distância do espaço e do tempo, das profundezas do céu, moldaram a vida cotidiana. Mas, em vez de ver a glória do verdadeiro Deus nos céus, o homem adotou um falso sistema de religião que ainda está conosco. Em vez de ver Deus no centro do universo, o homem viu a divindade no próprio universo e em seus vários aspectos.

Outro erro que o homem cometeu foi concluir que a Terra era o centro do universo e que tudo girava em torno dela. Os povos antigos imaginavam que todos os dias o deus do sol se levantava no leste e conduzia sua carruagem pelos céus rumo ao oeste. E, à

noite, ele viajava pelo submundo em um barco para aparecer mais uma vez no início de um novo dia.

As estrelas eram vistas como girando em torno do céu. A Terra era vista como uma plataforma dentro de um universo convexo com um dossel de estrelas penduradas no teto. O sol girava em torno da Terra em seu curso diário e anual. Esse ponto de vista forneceu uma explicação ordenada para as pessoas por séculos.

Eles concluíram que o planeta Terra era o centro de tudo. Esta se tornou a visão cosmológica aceita na época. No Egito, um astrônomo romano chamado Ptolomeu descreveu como isso funcionava, e sua visão foi aceita como verdade por cerca de 1.500 anos. E isso até se tornou dogma religioso entre aqueles que professavam ser crentes no Deus da Bíblia. Mas eles estavam errados, é claro. A Terra não é o centro do universo, e as Escrituras nunca afirmaram isso!

Uma revolução científica

Somente a partir do século XVI e XVII que um grupo de cientistas, iniciando com Nicolau Copérnico, começou a questionar essa visão do universo centrado na Terra. Com a invenção do telescópio, o homem conseguiu observar mais de perto as estrelas e os planetas, então começou a ver que a sabedoria aceita era falsa. A Terra se movia. Os planetas se moviam ao redor do sol, e o faziam em órbitas e velocidades diferentes. Alguns dos planetas, como Júpiter, tinham suas próprias luas girando ao seu redor.

Essa informação veio à tona quando Galileu foi levado perante a Inquisição por suas ideias “heréticas”. A Igreja Católica Romana não aceitou essa intromissão no dogma estabelecido. Entretanto, em pouco tempo, o antigo erro tornou-se flagrante.

Quando Copérnico, Kepler, Galileu e Newton terminaram seu trabalho inovador, a visão do homem sobre os céus, o que chamamos hoje de espaço sideral, mudou radicalmente. A sociedade percebeu que a Terra não é o centro do universo, mas apenas um dos planetas que circundam o sol.

Contudo, por muito tempo, o sol foi considerado o centro do universo. Mas, evidentemente, o sol também não é o centro do universo. De fato, mais tarde compreendeu-se que ele é uma pequena estrela entre bilhões de estrelas em uma galáxia que, por sua vez, está entre bilhões de galáxias.

No século passado, nosso conhecimento sobre o universo avançou muitíssimo. Hoje sabemos que o universo, que os cientistas estimam ter cerca de 14 bilhões de anos, é tão imenso que o homem não é capaz de entender todo seu tamanho. Além de todas essas observações, compreendeu-se também que ele continua se expandindo em todas as direções em que apontemos nossos telescópios. Descobrimos buracos negros—estrelas colapsadas que sugam qualquer coisa que se aproxime delas, até mesmo a luz, em um vórtice insondável.

E ainda aguardamos deles mais revelações sobre o universo. E quanto mais nós descobrimos, mais percebemos que temos muito pouco conhecimento sobre ele. Tudo o que descobrimos sobre o cosmos é surpreendente. No entanto, descobrimos que, em sua imensidão, ele é principalmente espaço—espaço escuro, vazio, frio, solitário.

A humanidade está sozinha?

Vamos parar e pensar na história que analisamos. O homem antigo concluiu que a Terra era o centro do universo. Ele olhou

para o céu e imaginou uma hoste de deuses. O mundo pagão nos deu uma falsa visão da divindade. O mundo medieval também errou ao enxergar a Terra e o homem como o centro do universo. Embora esse mundo aceitasse uma forma de cristianismo, este era desprovido de muitas verdades bíblicas e tinha uma visão espiritual terrivelmente distorcida do homem e de Deus.

Infelizmente, a sociedade atual não está muito mais perto de entender toda a verdade sobre o universo, Deus e o próprio homem. Passamos da crença em um universo centrado na Terra e no homem para o foco de que ele é uma imensidão vazia e, aos olhos de muitos, sem Deus. Este é o “progresso” que os cientistas nos deram! E o homem continua se sentindo ainda mais sozinho.

O telescópio desmitificou a visão de que a Terra era o centro do universo, fazendo parte de uma revolução do conhecimento que levou a um moderno mundo científico, onde a razão humana reinou acima de tudo. Mas o que veio depois? O surgimento da teoria evolucionária, que afirma que o homem é apenas a forma mais elevada de vida e que, por mero acaso, a vida baseada em carbono passou a existir e que não houve envolvimento de Deus ou de qualquer poder sobrenatural.

A ciência acadêmica se torna deus e o homem apenas outro animal, que evoluiu o suficiente para poder perguntar: *Quem sou eu?* O homem passou de um errôneo entendimento cósmico e de uma teologia errada sobre Deus para uma visão mais distante de Deus, chegando até a rejeitar totalmente a Deus. Contudo, Romanos 1:20 declara esta verdade inegável: “Desde que Deus criou o mundo, as Suas qualidades invisíveis, isto é, o Seu poder eterno e a Sua natureza divina, têm sido vistas claramente. Os seres humanos podem ver tudo isso nas coisas que Deus tem feito e, portanto, eles não têm desculpa nenhuma” (BLH).

Antes de sua morte, o falecido físico Steven Hawking concluiu que o universo não precisava de um Criador para ter começado. Em vez disso, ele argumentou, os processos naturais poderiam ter se unido para iniciar o cosmos. Deus não era necessário. Todo esse conhecimento crescente sobre o cosmos, suas origens e como ele funciona levou muitos a rejeitar a Deus.

Agora, o foco de muitos cientistas está em encontrar vida inteligente em outras partes do universo. O projeto SETI, que busca inteligência extraterrestre, durou décadas e não obteve nenhum resultado. Muitos anos de pesquisa e dedicação e bilhões de dólares gastos resultaram em nenhuma evidência de qualquer outra vida física inteligente fora daqui. E isso levou à grande pergunta: “*Onde estão todos?*”.

A verdade é que, diante de todas nossas pesquisas, parece que a vida na Terra é a única forma conhecida de vida baseada em carbono. Será que a vida humana na Terra é a única forma de vida física inteligente em todo o universo? Alguns cientistas concluíram que realmente esse é o caso—principalmente porque as chances matemáticas de probabilidades aleatórias de existir um planeta como o nosso, que é capaz de hospedar a vida, são infinitamente pequenas.

Uma nova abordagem

Então, devemos entender que já é hora de uma nova abordagem. É hora de admitir o óbvio—que a Terra foi formada por um Deus Criador, que se revela na Bíblia como Aquele que “no princípio . . . criou . . . os céus e a terra” (Gênesis 1:1).

Como mostra esse mesmo relato, a Terra *foi criada para o homem*.



Deus usou um punhado de pó para criar o homem à Sua imagem. A Terra foi formada como um lar para os seres humanos feitos à imagem de Deus—para ser um lugar onde um relacionamento entre Deus e os seres humanos pudesse florescer e prosperar.

O ponto que precisamos entender é que a Terra, nosso sistema solar, nosso universo e tudo o que podemos ver e compreender atualmente estão centralizados em Deus. Não estão centrados na Terra nem nos seres humanos, mas em Deus. O universo existe para cumprir o propósito e o plano de Deus para a humanidade. Em todos esses milênios de ignorância, de superstição e de uma hostil rejeição a Deus o foco sempre esteve na Terra e no homem. Para a moderna ciência acadêmica, Deus não existe no universo. E, neste mundo, muitos O desdenham. Tudo somente diz respeito ao homem. Mas isso deixa o homem vazio, pois, do ponto de vista humano, estamos sozinhos. A Terra parece frágil e vulnerável nesta vasta zona de perigo cósmico.

Os pensadores medievais insistiram em uma visão de um universo centrado na Terra, interpretando mal as Escrituras. Agora, os líderes acadêmicos da sociedade rejeitam as Escrituras e emudecem a Deus. Está na hora de uma nova avaliação. O que nos diz a Bíblia? O que o universo nos revela?

O Salmo 19, citado anteriormente, nos diz algo sobre isso. O universo está centralizado em Deus. Sempre esteve e sempre estará. O homem não está no centro do universo, mas ele está no centro do plano de Deus. Nós, seres humanos, podemos olhar para

o céu e, com a mente que Deus nos deu, fazer perguntas sobre a origem e o propósito do universo e de nós mesmos.

No Salmo 8:3-4, o rei Davi observou: “Quando olho para o céu, que Tu criaste, para a lua e para as estrelas, que puseste nos seus lugares—que é um simples ser humano para que penses nele? Que é um ser mortal para que Te preocupes com ele?” (BLH).

Hebreus 2:1-10 cita esta mesma passagem como uma pergunta e depois a responde: *Deus fez o homem para ser a maior realização de Sua criação.* O universo está centrado em Deus e o homem é o único ser físico inteligente capaz de fazer perguntas sobre sua origem e propósito.

Isso mesmo! Vivemos em um universo centrado em Deus. Quando focarmos nossa mente nessa verdade fundamental, então encontraremos o verdadeiro significado não apenas do universo, mas da vida humana. Como declara o Salmo 19: “Os céus proclamam a glória de Deus”. E a futura glória do homem pode ser encontrada em todo esse contexto! **BN**



PARA SABER MAIS

O homem parece ser a única forma de vida física capaz de questionar o motivo de sua existência. E a resposta disso sempre esteve nas páginas da Bíblia por milhares de anos! Baixe ou solicite nosso guia de estudo bíblico gratuito “Por que Você Nasceu?” para saber a resposta!

<http://portugues.ucg.org/estudos>

► (“Um Renomado Professor de Yale Renuncia à Evolução” continuado da pg.10)

chamadas de enzimas catalisam todos os tipos de reações e estimulam o metabolismo celular. Outras proteínas (como o colágeno) dão forma e estrutura às células, como varetas da estrutura, mas em muito mais formas. A função nervosa, a função muscular e a fotossíntese são todas guiadas por proteínas. E, ao realizar esse trabalho e muitos outros, a forma 3D real da molécula de proteína segue sendo importante. Então, será que o simples mecanismo neodarwiniano estaria preparado para essa tarefa? A mutação aleatória e a seleção natural são suficientes para criar novas formas de proteínas?” (P. 106).

Ao responder, ele continua dizendo que o qualificado biólogo de Cambridge David Axe “estimou que, de todas as sequências de aminoácidos de 150 ligações, 1 em 10^{74} será capaz de se transformar em uma proteína estável. E dizer que suas chances são de 1 em 10^{74} não é diferente, na prática, de dizer que são zero. [Nota: Os cientistas calculam que existem cerca de 10^{80} átomos no universo observável]. Então, não é surpreendente que suas chances de atingir uma proteína estável que desempenhe alguma função útil e, portanto, possa desempenhar um papel na evolução, sejam ainda menores. Axe os coloca em 1 em 10^{77} .”

“Em outras palavras: o imenso é muitíssimo grande, e minúsculo é muitíssimo pequeno, significando que na evolução neodarwiniana é—até agora—uma perda total. Tente mudar o modo de 150 links de informação inarticulada para uma proteína útil e você estará garantido seu fracasso. Experimente com dez, mil ou um milhão de mutações—você falhará. As probabilidades são ínfimas. Ou seja, não pode ser feito” (p. 107).

Gelernter afirma que “não pode aceitar o design inteligente como Meyer o apresenta”, mas observa que “preciso dizer em alto e bom som que qualquer um que pense em biologia *deve refletir*, em

algum momento, enquanto procura possíveis respostas para perguntas difíceis” (p. 104). Há dificuldades quanto a tanta extinção de espécies no passado e quanto à existência de problemas na natureza como doenças (p. 109)—não entendendo que Deus não pretendia que o reino físico fosse perfeito agora e que o pecado resultou em maldição para o mundo, segundo o plano de Deus.

Contudo, ele admite que “o design inteligente pode muito bem ser a resposta definitiva. Mas, como teoria, isso parece ter um longo caminho a percorrer” (ibid.). No entanto, as Escrituras deixam o assunto mais claro—se as pessoas crescerem nelas.

No fim de junho deste ano, Gelernter revelou um pouco do que enfrentou da comunidade acadêmica, enquanto ele ainda era bem tratado pessoalmente por seus colegas. Ele continua: “Por outro lado, quando observo o comportamento intelectual deles, o que publicam e, muito mais importante, o que dizem aos alunos, realmente o darwinismo deixou de ser apenas um argumento científico.

“Quanto a eles, entregue sua vida nas mãos deles se desafia-los intelectualmente . . . Eles o destruirão se ousarem desafia-los” (citado por Sarah Taylor, “Professor Prolífico de Yale Volta-se Contra o Darwinismo e Adverte os Darwinianos: ‘Eles O Destruirão Se Desafiarem Essa Teoria’”, *The Blaze*, 22 de agosto de 2019).

Ele observou ainda que não tem visto nada “se aproximar da liberdade de expressão sobre esse tópico . . . É uma rejeição amarga . . . uma espécie de rejeição áspero, fundamental, irritada, indignada e violenta, que nem chega perto das discussões científicas ou intelectuais. Eu já vi isso acontecer repetidamente. ‘Sou darwinista, não diga uma palavra contra isso’ ou ‘Não quero ouvir isso, ponto final’” (ibid.).

“Eu estou atacando a religião deles”, concluiu Gelernter. “E isso é um grande problema para eles”.

—Mario Seiglie e Tom Robinson



A Guerra Comercial Entre os Estados Unidos e a China

O que está por trás do embate comercial entre os Estados Unidos e a China?

O que está em jogo? Como isso pode afetar o resto do mundo—e você? **por Mike Kelley**

A medida que o turbulento verão de 2019 chegava ao fim em setembro no hemisfério norte, a economia mundial parecia respirar aliviada. O Ministério do Comércio da China sinalizou aos negociadores comerciais dos Estados Unidos a disposição de negociar seriamente em outubro para resolver a crescente guerra comercial entre as duas nações.

Para muitos observadores, esse pode ser o começo do fim do impasse comercial que começou em janeiro de 2018, quando o governo do presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, estabeleceu a primeira de uma série de tarifas—impostos que aumentam o custo das importações—contra as importações chinesas.

O efeito nas duas nações foi tudo menos positivo. Para uma economia chinesa fortemente dependente de exportações para os Estados Unidos (que continua sendo a maior economia e o maior mercado do mundo), as tarifas de importação de até 30% sobre centenas de bilhões de produtos estavam estrangulando o crescimento econômico.

Nos Estados Unidos, as bolsas de valores sofreram uma onda de volatilidade, com os investidores preocupados com o fato de as tarifas também impedirem o crescimento econômico mundial. Os consumidores desconfiam dos aumentos de preços de milhares de produtos de consumo fabricados na China. E essas tarifas também aumentam o custo de muitos produtos domésticos que usam componentes chineses.

O que há por trás de tudo isso e o que significa para o futuro?

A batalha pela supremacia econômica

Uma rápida olhada no histórico comercial das duas economias gigantes abre a porta para entender como e por que ocorreu esse confronto econômico. Após a morte do fundador da China comunista Mao Zedong, em 1976, os líderes chineses começaram a tomar medidas para modernizar sua economia centralizada e estatal. Os anos oitenta viram uma onda de reformas econômicas que incluíam algumas práticas crescentes de livre mercado, modernização da indústria e um desejo de melhorar a vida do povo chinês.

A China prometeu se tornar a maior economia do mundo, sendo o acesso aos mercados dos Estados Unidos uma parte crítica de seu plano. A nação mais populosa do mundo há muito buscava o status comercial de Nação Mais Favorecida (NMF), o que finalmente alcançou com o apoio dos Estados Unidos no final de 2001. Mas, embora esse status tenha proporcionado à China o acesso a mercados e vantagens comerciais há muito tempo cobiçadas, também exigia

que a nação anuisse a práticas de comércio justo que, em grande parte, vinha ignorando.

O analista de políticas da *Bloomberg News*, Josh Rogin, resumiu a frustração dos formuladores de políticas dos Estados Unidos: “Havia uma crença de que a China desenvolveria uma economia privada que se mostraria compatível com o sistema da OMC [Organização Mundial do Comércio]. O governo chinês tomou uma decisão política de fazer o oposto. Então, agora temos que responder” (“Os Estados Unidos Estão Finalmente Enfrentando a Agressão Econômica da China”, *The Washington Post*, 25 de março de 2018).

Com seu novo status comercial de NMF, aparentemente da noite para o dia a economia chinesa começou a parecer muito mais capitalista. O incentivo fiscal do governo chinês para que outras nações invistam no país levou milhares de empresas manufatureiras a aproveitarem os baixos níveis salariais chineses e regulamentações ambientais mais brandas (a China é de longe o país mais poluente do mundo).

Nos últimos vinte e cinco anos, as exportações chinesas para os Estados Unidos dispararam. De apenas 1% das importações aos Estados Unidos em 1991, elas dobraram de 51,5 bilhões de dólares em 1996 para 102 bilhões de dólares em 2001 e, desde então, seguiram crescendo prodigiosamente. Em 2018, os Estados Unidos registraram um recorde de 540 bilhões de dólares em importações chinesas, um aumento de quase 7% em relação a 2017 e quase 60% em relação a 2008.

Em meados da década de 1990, bilhões de dólares em exportações fabricadas na China começaram a fluir para os Estados Unidos e a Europa. A China usou sua nova riqueza não apenas para melhorar a população, mas também para construir cidades e infraestrutura modernas e reluzentes. Os chineses ricos viajaram para os Estados Unidos e compraram bilhões em imóveis comerciais ali.

O lado sombrio do crescimento econômico chinês

Mas esse crescimento teve um lado sombrio, pois os militares chineses garantiram que grande parte da nova riqueza do país fosse direcionada para a criação de um exército moderno e uma marinha de classe mundial. A China tem usado essa marinha para ameaçar seus vizinhos e as principais rotas comerciais. Ele anunciou uma Zona Econômica Exclusiva (ZEE) que inclui a maior parte do Mar da China Meridional, para desgosto de seus vizinhos Taiwan, Vietnã e Filipinas, que fazem fronteira com esse mar e o utilizam amplamente.



Esse lado sombrio se estendeu aos Estados Unidos, que sofreram uma enorme perda de empregos na indústria manufatureira para a China. Os fabricantes norte-americanos fecharam centenas de fábricas, o que levou a demissão de milhões de trabalhadores. O setor industrial do centro-oeste foi o mais atingido nos Estados Unidos, onde cidades inteiras, ao perder suas principais fábricas, se tornaram praticamente cidades fantasmas. Os distritos industriais dos Estados Unidos, como Detroit, Milwaukee, Chicago, Pittsburgh e Cleveland, sentiram o impacto.

Em 2015, a situação tinha se tornado crítica. O setor manufatureiro norte-americano, sofrendo com os abusos comerciais da China, havia perdido mais de três milhões de empregos na indústria desde 2000, e a situação estava piorando. Com a China exportando quatro dólares de mercadorias para os Estados Unidos por cada dólar de exportações norte-americanas para a China, centenas de bilhões de dólares saíam do país rumo a China todos os anos, mas uma quantidade muito menor voltava para os Estados Unidos.

Em parte, os impostos de importações estrangeiras foram criados para proteger as indústrias domésticas, e os dois países têm utilizado essa tarifação ao longo dos anos. Contudo, há muito tempo a China impõe tarifas muito mais altas aos produtos estadunidenses importados para a China do que os Estados Unidos impõem contra os produtos chineses.

Por mais preocupante que esteja sendo, as práticas comerciais internacionais da China se tornaram a principal questão geradora de atritos com os Estados Unidos. Para sustentar um rápido crescimento econômico de até 9% ao ano, a China se envolveu em práticas comerciais inescrupulosas, como a exigência de compartilhamento de tecnologia das empresas norte-americanas como parte das negociações, e também o roubo de propriedade intelectual, dumping de produtos chineses nos mercados norte-americanos, grandes subsídios para empresas chinesas e outras práticas que inclinam fortemente a balança a favor da China.

Centenas de bilhões de dólares em perdas econômicas

Dumping significa a venda de mercadorias em mercados estrangeiros abaixo do custo de produção para ganhar participação de mercado. Ao cobrir os lucrativos mercados dos Estados Unidos e da Europa, a China, através da prática do dumping, comercializou neles produtos como tubos de aço, peças de máquinas, peças de ferro fundido e alumínio, devastando os fabricantes norte-americanos. A Organização Mundial do Comércio, à qual a China aderiu em 2001, há muito tempo exige que a China corrija essas práticas—demandas que, em grande parte, os políticos chineses ignoraram.

Particularmente lamentável tem sido o roubo de propriedade intelectual, uma prática que rouba bilhões de dólares por ano de empresas criativas e inovadoras dos Estados Unidos. O Serviço de Alfândega dos Estados Unidos estima que 87% dos produtos falsificados apreendidos nos portos estadunidenses são originários da China. Um relatório da CNN de março de 2018 citou prejuízos de 225 a 600 bilhões de dólares anualmente com as perdas de propriedade intelectual de tecnologia norte-americana e de outras empresas.

Essas práticas levaram à perda de quase 3,4 milhões de empregos nos Estados Unidos de 2001 a 2017, segundo um relatório, de outubro de 2018, do Instituto de Política Econômica (EPI, sigla em

inglês). Determinadas indústrias, como a eletrônica, a têxtil, a de vestuário e alguns bens duráveis mais pesados, foram especialmente afetadas. E embora as perdas de emprego tenham sido mais fortes na Califórnia, no Texas e no centro-oeste industrial, elas também ocorreram em quase todos os estados e distritos congressionais dos Estados Unidos.

Os trabalhadores que tiveram a sorte de manter seus empregos viram seu poder de barganha salarial diminuir devido à concorrência chinesa barata. O relatório do EPI constatou que a estagnação salarial é um dos principais fatores que contribuem para a redução dos padrões de vida e uma crescente disparidade de desigualdade, especialmente entre os trabalhadores mais velhos. A desigualdade econômica é algo que o meio acadêmico norte-americano e a mídia há muito tempo criticam, mas que o *globalismo*—defendido pela mesma mídia e meio acadêmico—tende a promover.

O início da guerra de tarifas

Em 2016, na campanha presidencial norte-americana, Donald Trump atacou esses abusos e prometeu resolver o problema se eleito. Isso o levou a angariar centenas de milhares de votos em estados industrializados como Michigan, Ohio, Wisconsin e Pensilvânia, estados particularmente afetados pela perda de empregos na indústria.

No começo de 2018, o governo Trump seguiu tarifando máquinas de lavar e painéis solares fabricados na China, produtos que ela era acusada de praticar dumping. As tarifas do aço e alumínio seguiram sendo aplicadas em março. A China respondeu tarifando os produtos norte-americanos e, desde então, o governo Trump e o governo chinês têm aplicado tarifas adicionais há mais de um ano. Na última rodada de tarifação, novas tarifas de até 15% foram impostas em 1º de setembro, uma tarifação adicional de 325 bilhões de dólares, pelos Estados Unidos sobre as importações chinesas.

Trump e seus negociadores comerciais norte-americanos estão contando com uma simples realidade—que os chineses, que se beneficiam quatro vezes mais com o comércio com os Estados Unidos, logo sentiriam a crescente e dura pressão das tarifas.

Washington quer um acordo em que a China reduza os subsídios às indústrias e à produção de commodities, como o aço e o alumínio, onde a superprodução está achatando os preços globais, e também que pare de pressionar as empresas norte-americanas a entregarem sua tecnologia proprietária como condição para fazer negócios na China. O governo também gostaria de ver um aumento nas compras de bens e serviços dos Estados Unidos e um fortalecimento da moeda chinesa, o yuan, que a China desvalorizou para obter vantagens no comércio internacional.

E parecia que a China estava sinalizando um desejo de diminuir o impasse comercial no verão passado, concordando em restaurar algumas de suas importações de commodities agrícolas estadunidenses e outros bens dos Estados Unidos. Mas quando o presidente chinês Xi Jinping renunciou ao acordo, o presidente Trump anunciou a nova rodada de tarifas sobre produtos chineses, afetando praticamente todas as importações chinesas remanescentes que antes não estavam sujeitas às tarifas. Em resposta, as autoridades do banco central chinês tomaram medidas para enfraquecer o yuan, em um esforço para estancar parte da desaceleração das exportações.

Agora, quase dois anos desde seu início, a guerra comercial cobra seu preço. Desde meados de 2018, a economia chinesa contraiu-se

lentamente, crescendo a um ritmo mais lento desde 1992. Centenas de empresas que se estabeleceram na China para aproveitar os baixos custos trabalhistas chineses deixaram o país ou estão ameaçando sair. Na tentativa de preparar seu país para uma luta comercial de longo prazo, Xi Jinping chamou a nação na primavera passada a uma nova “longa marcha”, aludindo ao apelo de Mao Tsé-Tung em 1935 à resistência de seu povo aos japoneses invasores. Então, os líderes chineses começaram a se preocupar.

A Casa Branca sinalizou que também está preparada para uma batalha de longo prazo. “Eu penso como eles, também tenho um horizonte a longo prazo”, disse o presidente Trump à agência de notícias *Reuters*, acrescentando que “não há prazo” para encerrar essa disputa comercial. Embora, muitas vezes essa abordagem do presidente seja criticada, muitos considerem que ela é apropriada para essa guerra comercial, e outros defendem que essa posição é uma estratégia que visa manter a China desequilibrada, sem saber qual será o próximo passo nos Estados Unidos.

O governo chinês tem muitos motivos para querer que a disputa seja resolvida rapidamente. O governo chinês sabe que um conflito comercial prolongado prejudicaria economicamente o país e complicaria seus planos de transformá-lo de uma economia manufatureira de baixos salários a uma líder global em alta tecnologia. Há rumores de que Xi instruiu seus representantes a estabilizar o relacionamento com os Estados Unidos o mais rápido possível.

O que vem a seguir?

Essa batalha de titãs ainda pode recrudescer. Não é preciso dizer que a classe empresarial dos Estados Unidos não está empolgada com a perspectiva de haver ainda mais barreiras no comércio com a China, um país que fornece uma variedade surpreendente de matérias-primas e produtos acabados. Embora, os importadores dos Estados Unidos tenham absorvido totalmente a rodada das primeiras tarifas, eles sinalizaram que a maioria dessas tarifas adicionais de 10% a 15% será repassada aos consumidores norte-americanos na forma de aumento nos preços de roupas, eletrônicos, brinquedos e centenas de outros produtos de consumo.

Os varejistas norte-americanos, já pressionados pelo crescimento das compras pela Internet, vão sentir mais pressão à medida que haja desaceleração nos negócios. Alguns não sobreviverão e a maioria será forçada a reduzir o quadro de pessoal e o estoque. De qualquer forma, o resultado pode ser uma perda substancial de empregos já no início de 2020.

Provavelmente, na China a situação será ainda pior. A última rodada de tarifas sobre quase 325 bilhões de dólares em importações chinesas, além das já impostas sobre cerca de 250 bilhões de dólares em produtos chineses. Isso vai custar milhões de empregos e a situação vai piorar se centenas de fábricas decidirem encerrar suas operações na China e se mudar para outras nações, como Vietnã ou Filipinas.

Será que isso poderia levar a um delongado rearranjo das cadeias de suprimentos globais, que levaram décadas para serem criadas? Muitos produtos, como telefones celulares, câmeras digitais e laptops, são montados na China com peças vindas de todo o mundo. Os economistas entendem que uma mudança assim pode atrapalhar as cadeias de suprimentos espalhadas por grande parte da Ásia e do mundo. A produção do iPhone da Apple, por exemplo, envolve quase duzentos grandes fornecedores, que entregam peças na China para montagem final do produto.

Nesta perspectiva, o preço para os consumidores norte-americanos do iPhone XS da Apple pode ter um aumento de 160 dólares se a tarifa de 25% entrar em vigor. Os Estados Unidos compartilhariam essa aflição por causa da retração nas vendas desse aparelho, pois não apenas os varejistas serão afetados, mas também as empresas de suporte a jusante.

Sem dúvida, os consumidores vão sentir o impacto dos preços mais altos nesses itens. Embora o Escritório do Representante de Comércio dos EUA (USTR, sigla em inglês) tenha excluído muitos produtos que têm a China como a principal fonte, as novas tarifas serão aplicadas a mais de 40% aos produtos de consumo, acima dos 25% das tarifas anteriores relativos principalmente a produtos industrializados. E como os gastos do consumidor representam quase 70% da economia norte-americana, fica fácil perceber que os preços mais altos podem levar a uma desaceleração gradual da atividade econômica dos Estados Unidos.

Em todo o mundo, espera-se que ambas as nações recuem ao se aproximarem do precipício econômico. Os Estados Unidos esperam que a China elimine ou facilite suas políticas comerciais restritivas e injustas. A China espera que os consumidores e fabricantes dos Estados Unidos sintam a dor do aumento de preços a ponto de pressionar Washington a aliviar ou eliminar essas tarifas crescentes. Em Pequim, os líderes chineses acompanham de perto a aproximação das eleições de 2020 nos Estados Unidos, esperando que Donald Trump não seja reeleito e que um novo governo retire a dura posição comercial e retorne aos amigáveis acordos com a China dos anos anteriores.

E mesmo se houver um acordo, será que o governo chinês cumprirá seus termos? Por muitas vezes, a China descumpriu acordos comerciais anteriores e tem sido evasiva quanto ao compromisso de conter o roubo de propriedade intelectual. Assim, os Estados Unidos precisariam continuar com a ameaça de sanções econômicas.

Em todo caso, qualquer acordo alcançado provavelmente não impediria a China de manter seu objetivo de longo prazo: a supremacia econômica global. Os líderes chineses não aceitarão o que consideram humilhação econômica, e é provável que Xi Jinping não vai recuar e aceitar o que ele considera um acordo duro.

O fim do ano de 2019 se aproxima e os Estados Unidos e a China, como dois grandes lutadores de sumô, rodeiam um ao outro na luta pela supremacia econômica global. Talvez apenas o contínuo potencial de eventos catastróficos como uma guerra nuclear represente uma ameaça maior ao bem-estar de milhões de pessoas. Se os negociadores comerciais da China e dos Estados Unidos não chegarem a um acordo em breve, é quase certo que os dois países sentirão perdas econômicas generalizadas—uma dor que se espalhará para o resto da economia global e levará a uma piora das condições em todo o mundo. **BN**



PARA SABER MAIS

Nosso guia de estudo gratuito “Os Estados Unidos e a Inglaterra na Profecia Bíblica” traz uma perspectiva bíblica para os eventos mundiais que envolvem essas nações. O que há por trás de suas vastas bênçãos e de sua crescente turbulência? Baixe ou solicite sua cópia gratuita hoje mesmo!

<http://portugues.ucg.org/estudos>

O Natal É Mesmo Uma Celebração Cristã?

Muitos acreditam que Jesus nasceu no Natal ou que, mesmo que Ele não tenha nascido nessa época, essa é uma boa ocasião para comemorar, pois ainda assim estamos adorando a Ele. Mas os primeiros cristãos observaram o Natal? E o que devemos fazer hoje?

por Jerold Aust

“**N**ão quero saber dos fatos—minha decisão já está tomada!” Esta resposta hipotética exemplifica alguém desafiado por uma falsa crença arraigada. E, às vezes, muitas pessoas se apegam teimosamente a uma ficção em particular por causa de um *pensamento de grupo* (consulte “A Pressão do Pensamento de Grupo” na página 27).

Quantos cristãos que observam esse feriado estão dispostos a pesquisar se ele se origina das Escrituras? E se essas crenças cristãs diferirem dos ensinamentos bíblicos? Ignoramos a Bíblia e seguimos tradições religiosas mais confortáveis? A busca por unanimidade é mais importante para nós do que viver pelas eternas verdades de Deus?

Se você deseja saber de onde veio o Natal, continue lendo. Aqui você encontrará a resposta para a pergunta: *O Natal é realmente uma celebração cristã?* E se não for, você mudará de atitude e seguirá as verdades de Deus?

O aniversário de Jesus nunca foi o foco

Um artigo no popular site cristão *Crosswalk.com* defende que o dia 25 de dezembro é uma data posterior ao aniversário de Jesus, mas contém algumas admissões significativas:

“A tradição de 25 de dezembro é bastante antiga. No segundo século, Hipólito argumentou que esse era o aniversário de Cristo [embora esse pai da igreja romana tenha escrito isso várias gerações depois de Jesus e dos apóstolos]. Enquanto isso, na Igreja Oriental, 6 de janeiro foi a data escolhida”.

“Mas no quarto século, João Crisóstomo [arcebispo católico de Constantinopla] argumentou que 25 de dezembro era a data correta e, desde aquele dia até hoje, a Igreja no Oriente e no Ocidente têm observado o dia 25 de dezembro como a data oficial do nascimento de Cristo [embora alguns ainda optem por 6 de janeiro]”.

“Embora os evangelhos de Mateus e Lucas relatem o nascimento de Cristo, nenhum deles fornece uma data para este grande evento. Embora possa parecer estranho para nossas mentes modernas, é provável que os primeiros cristãos não atribuam nenhum valor particular aos aniversários. *Isso torna difícil concluir quando Jesus realmente nasceu*”.

“Somente após o terceiro século é que vários grupos de cristãos começaram a mostrar interesse na data do nascimento de Cristo, porém, levaria mais um século para a Igreja começar a celebrá-la com alguma uniformidade” (“Quando Jesus Nasceu e Por Que Comemoramos em 25 de Dezembro?”, Angie Mosteller, 6 de

dezembro de 2011, grifo nosso).

Observe que a data de 25 de dezembro foi escolhida para o Natal não por causa de Deus ou de Sua Palavra, mas pelo clero da igreja bem depois dos tempos apostólicos. O artigo continua confirmando que o estabelecimento da comemoração do “Nascimento do Sol Inconquistável” em 25 de dezembro pelo imperador romano Aureliano em 274 pode ter tido uma influência secundária na igreja que aceita essa data como o nascimento de Jesus, mas sustenta que Aureliano pode ter escolhido uma data que já era significativa para os cristãos. Contudo, a data desse festival de adoração ao sol, próximo ao solstício de inverno, teve uma origem muito mais antiga, como veremos.

As datas tardias para a observância do Natal

A Igreja Católica não fixou a data do Natal até o quarto século. O mesmo artigo observa que “o primeiro registro claro do nascimento de Cristo em 25 de dezembro ocorreu somente a partir 336 d.C.”.

Segundo a *Enciclopédia Católica*: “O ano litúrgico [do culto cerimonial público] no rito romano, como é conhecido hoje, passou a existir apenas gradualmente após o estabelecimento das festas da Páscoa e do Natal . . . A comemoração do aniversário do Senhor em 25 de dezembro se espalhou de Roma para toda a Igreja Ocidental a partir do quarto século [ano 300 d.C.], e a Epifania [em 6 de janeiro] permaneceu como a comemoração do incidente dos Reis Magos contada em Mateus 2:1-12” (“As Primeiras Festas Cristãs”, 1967, Vol. 5, p. 868).

Em outras partes, essa mesma enciclopédia afirma: “*A celebração do nascimento de Cristo em 25 de dezembro*. Esse nome deriva do inglês antigo *Cristes Maesse* ou *Cristes-messe*, que significa a Missa de Cristo [irônico, pois a Missa é um rito católico que sinaliza a morte de Cristo ao invés de Seu nascimento]”.

“Por mais inexplicável que pareça, a data do nascimento de Cristo não é conhecida. Os Evangelhos não indicam nem o dia nem o mês; embora Lucas (2:1-3) coloque a Natividade em uma perspectiva histórica, o ano não pode ser determinado com exatidão” (“O Natal e Seu Ciclo”, Vol. 3, p. 656).

Também vemos na *Enciclopédia Católica* a incrível admissão de que Jesus, os apóstolos e a Igreja primitiva do Novo Testamento persistiram na observância do sábado do sétimo dia de Deus (do pôr do sol da sexta-feira ao pôr do sol do sábado) e nas festas anuais exigidas na lei de Deus:

“Os primeiros cristãos não se dissociaram imediatamente da ob-



A própria Escritura é bem clara quando diz que não devemos usar práticas religiosas pagãs na adoração a Deus. O Natal não é uma festa de Cristo ou do verdadeiro Deus.

servância das festas judaicas [na verdade, as festas de Deus, que Ele mesmo estabeleceu em Levítico 23:2]. Muitas referências no Novo Testamento indicam que Jesus e Seus discípulos, bem como as primeiras . . . comunidades cristãs observavam o Sábado e as principais festas anuais [listadas em Levítico 23] (“As Primeiras Festas Cristãs”, Vol. 5, p. 867).

Aqui está exposta a ideia de que, embora a Igreja primitiva, a princípio, tenha continuado a celebrar o mesmo Sábado semanal e as mesmas festas anuais como o povo judeu, e isso por si só é uma admissão notável, a igreja finalmente mudou e se desassociou dessas “festas judaicas” e passou a adotar um cristianismo mais “gentio”. A observância do domingo e outros feriados não bíblicos substituíram o alegado arcaico sábado do Antigo Testamento e as festas anuais.

Entretanto, Cristo condenou essa negação da lei de Deus, declarando aos que falsificam Sua verdade: “Em vão, porém, Me honram, ensinando doutrinas que são mandamentos de homens” (Marcos 7:7). Claramente, entra em ação aqui um pensamento de grupo rebelde, rejeitando a prática bíblica e adotando a tradição natalina!

Sem nenhuma conexão com o nascimento de Jesus

Hoje, o Natal é promovido como uma comemoração do nascimento de Jesus Cristo. Sem dúvida, a história de Seu nascimento é bíblica. Mas como isso se alinha à observância do Natal?

Qual era o propósito do nascimento de Jesus? A maioria dos cristãos responderia rapidamente que Ele nasceu para ser nosso Salvador. Isso é verdade, mas há muito mais nisso. Ele também nasceu para se tornar nosso Governante Soberano (Daniel 2:44), Líder (Colossenses 1:18) e Mestre (João 3:2).

Então, se Ele é nosso Mestre, onde estão Suas instruções para observar o Natal? Jesus perguntou aos que declaravam

seguir-Lu: “E por que me chamais Senhor, Senhor [que significa Mestre supremo], e não fazeis o que eu digo?” (Lucas 6:46).

Alguns argumentam que os relatos e as declarações sobre o nascimento de Cristo nos Evangelhos de Mateus e Lucas provam a validade da celebração do Natal hoje em dia. Mas não há nenhum indício dessa observância para nós (enquanto os dias estabelecidos para serem observados foram sumariamente rejeitados).

Certamente Deus anunciou o nascimento de Jesus, que foi honrado por uma delegação de sábios do Oriente que trouxe presentes para o futuro Rei dos Reis (Mateus 2:1-12). Contudo, a chegada deles com esses presentes, evidentemente, levou um tempo considerável após o nascimento de Jesus, e essa ocasião não foi o “primeiro Natal”, como muitos insistem em afirmar.

Ali não havia árvores de Natal, guirlandas, troncos de Yule, renas, elfos, meias penduradas na lareira ou troca de presentes. E nenhum registro da data de 25 de dezembro. Ademais, Jesus não nasceu no inverno.

Os relatos do nascimento de Jesus em Mateus e Lucas não têm nada a ver com a celebração do atual feriado de Natal, então de onde se originou essa tradição religiosa?

A perpetuação de um festival invernal pagão

O *Dicionário Oxford da Igreja Cristã* declara em seu artigo sobre o “Natal”: “A observância popular dessa festa sempre foi marcada pela alegria e cânticos que antes eram características da Saturnália romana e de outros festivais pagãos que esta substituiu” (1958, p. 277). Essa celebração era repleta de devassidão, desenfreamento e embriaguez.

A *Enciclopédia Católica* também mostra que a época do Natal veio do antigo festival de inverno que celebrava o deus do sol nos dias longos após o solstício de inverno. O antigo pai da igreja católica, Orígenes, escrevendo no início dos anos 200 d.C., nunca mencionou o Natal, e, ademais, ele disse que os cristãos nem sequer observavam o nascimento de Cristo, como se Ele fosse um rei pagão (comparar “O Natal e Seu Ciclo”, 1967, Vol. 3, 1967, e “Natal”, 1913, Vol. 3).

Tertuliano, outro sincero teólogo católico da época, repreendeu os cristãos que comemoravam o festival pagão do inverno de onde deriva o Natal: “Para nós...que estranhemos os sábados, e as luas novas e os festivais [encontrados em Levítico 23, mas que deixaram de observá-los], a Saturnália [o festival de inverno, junto a outros, se tornou época de Natal], as festas de janeiro, a Brumália e a Matronália agora são frequentadas e presentes são levados de um lado para o outro, os presentes do dia de ano novo são feitos com euforia, e entretenimentos e banquetes são celebrados com tumulto; oh, como os pagãos são tão fiéis à sua religião, a ponto de cuidar-se para não adotar nenhuma solenidade dos cristãos” (Tertuliano em *A Idolatria*, citado por Alexander Hislop, *As Duas Babilônias*, p. 93).

Apesar da advertência, essa celebração acabou se tornando parte do culto “cristão”. A árvore de Natal e os outros elementos da época do Natal foram trazidos desse antigo festival pagão, que estava enraizado na idolatria do primeiro rei babilônico, Ninrode, um tirano que era rebelde contra Deus (ver Gênesis 10:8-11).

Segundo as tradições pagãs, parece que ele foi morto por sua rebelião contra Deus e por sua libertinagem. No entanto, sua adoração se difundiu através de muitas e variadas tradições pagãs, de modo que ele é o único retratado no flamejante tronco de Yule

na véspera do Natal. Aquele que foi cortado e morreu e, como o sol que ressurgue no céu, ele tornou-se o filho divino renascido, a árvore de Natal, no dia de Natal. “Agora, o Tronco de Natal é o tronco morto de Ninrode, deificado como o deus-sol, mas derrubado pelos seus inimigos; a árvore de Natal é Ninrode *redivivus* [isto é, renascido]—o deus abatido novamente retornado à vida” (Hislop, p. 98).

O formato do festival de inverno idólatra se espalhou pelo Oriente Médio. E também acompanhou os povos que migraram para a Europa. Entre os romanos, ele se tornou a Saturnália, a Brumália e o Ano Novo, como vimos. No norte da Europa, converteu-se no Yule acima mencionado—e, finalmente, no Natal que conhecemos hoje. A Wikipédia diz o seguinte sobre o “Solstício de Inverno”:

“O povo pagão escandinavo e germânico do norte da Europa celebrava um feriado de doze dias no meio do inverno (solstício de inverno) chamado Yule . . . Muitas tradições modernas de Natal, como a árvore de Natal, a guirlanda de Natal, o Tronco de Yule e outras, são provenientes diretamente dos costumes do Yule. Os escandinavos ainda chamam o Natal de *Júl*. Frequentemente, a palavra *Yule* é empregada em inglês combinando com a estação, *yuletide*, sendo seu uso registrado pela primeira vez no ano 900. Acredita-se que a celebração deste dia era um culto relativo a esses dias peculiares, interpretados como o despertar da natureza...”

“*Julblot* [ou sacrifício do Yule] é o mais solene banquete sacrificial. No *Blót de Yule*, os sacrifícios eram realizados aos deuses para se receber bênçãos nas próximas colheitas ainda em germinação. Os elementos do *Yule* acabaram sendo integrado ao Natal cristão”.

Em suma, o festival pagão de inverno do mundo antigo trocou de roupa, eventualmente adicionando o título de Cristo e reaparecendo como Natal. A celebração foi adotada por um cristianismo cada vez mais rebelde, como forma de atrair e manter os novos conversos que se recusavam a desistir de suas frivolidades, bebedeiras e libertinagens durante esse festival de inverno pagão.

Como Deus vê esse feriado religioso?

Os membros da Igreja primitiva ficariam surpresos ao pensar que os costumes e práticas, associados ao Natal—que eles viram no mundo romano pagão e corrupto ao seu redor—seriam incorporados como uma celebração do nascimento de Cristo. No entanto, após vários séculos, o nome de Cristo foi anexado a este feriado popular romano originário da Babilônia.

Surpreendentemente, quando confrontados com os fatos sobre as reais origens do Natal, muitos cristãos perguntam: “Então, qual é o problema? Ainda estou honrando a Jesus Cristo!”. Mas será mesmo?

A própria Escritura é clara que não devemos usar práticas religiosas pagãs na adoração ao Deus verdadeiro, pois Ele considera isso uma abominação (Deuteronômio 12:29-32). Assim, o Natal não é uma festa de Cristo ou do verdadeiro Deus. A única coisa no Natal que fala de Cristo configura um mau uso do Seu nome.

Deus condena essas festas pagãs. Tristemente, elas cegam as pessoas quanto ao Seu grande plano, conforme revelado em Suas verdadeiras festas sagradas, que servem como o mapa simbólico da salvação da humanidade. O apelo sincero e bem-intencionado de muitas pessoas para trazer Cristo de volta ao Natal é inútil. Pois, Cristo nunca esteve no Natal. Se tivesse observado ou dito a outros para observar o Natal, Ele teria violado Suas próprias leis, e isso seria pecado (1 João 3:4-5), assim não teríamos Salvador. Então, não teríamos a libertação do salário do pecado, que é a morte (Romanos 6:23).

Vamos esperar que Cristo retorne para poder honrá-Lo? Cristo precisa ser visto e tocado para que possamos crer nEle? Jesus falou sobre isso: “Porque me viste, Tomé, creste; bem-aventurados os que não viram e creram!” (João 20:29). Você acredita em Deus Pai e em Jesus Cristo? Não apenas acredite nEles, mas acredite também no que Eles disseram através das Escrituras?

Através da Bíblia, Eles dizem para você observar o Natal—ou não? O Natal é realmente cristão? Como poderia ser? Deus nunca a instituiu e nunca ensinou que isso fosse celebrado. Pelo contrário, Ele nos diz para não adorá-Lo com práticas pagãs. Contudo, Deus nos deu Suas festas e Dias Santos para demonstrar passo a passo Seu plano de salvação da humanidade. Com tudo isso em mente, o que você escolherá fazer? **BN**



PARA SABER MAIS

Há muito mais a dizer das origens do Natal do que temos espaço para cobrir aqui. Para saber mais, solicite ou faça o download do nosso guia de estudo Bíblico “Feriados Religiosos ou Dias Santos: Será que importa quais dias observamos?” Uma cópia gratuita está esperando por você!

<http://portugues.ucg.org/estudos>

A Pressão do Pensamento de Grupo

O pensamento de grupo dominou a humanidade desde tempos imemoriais, motivando sociedades inteiras a tomar decisões incorretas. O pensamento de grupo é ao mesmo tempo profundo e penetrante.

Irving Janis, psicólogo do século vinte, da Universidade de Yale e professor emérito da Universidade da Califórnia, em Berkeley, ficou famoso por seu trabalho nesse campo. Em seu livro inovador *Pensamento de Grupo* (1982), Janis explorou oito sintomas principais que passam pelo estudo de caso de fiascos históricos, como a decisão do presidente dos Estados Unidos, John F. Kennedy, de derrubar o governo cubano na Baía dos Porcos em 1961. Os oito sintomas podem ser divididos em três grupos principais: Tipo 1: Superestimava do grupo, talvez em relação ao seu poder ou sua moralidade; Tipo 2: Mente fechada; e Tipo 3: Pressão pela uniformidade (pp. 174-175).

Janis escreve: “Quando um grupo de formuladores de políticas exhibe a maioria ou todos os sintomas em cada uma das três categorias, os membros realizam suas tarefas coletivas de maneira ineficaz e, provavelmente, não conseguirão atingir seus objetivos coletivos como resultado da *busca de unanimidade*” (p. 175, grifo nosso).

Surpreendentemente, o pensamento de grupo domina o mundo inteiro! A crmandade é um grande grupo—agora com mais de dois bilhões de pessoas em todo o mundo—afetado pelo pensamento de grupo, que tem ocorrido há quase dois mil anos. A celebração do Natal, o maior feriado entre os que se identificam como cristãos, se encaixa perfeitamente na forma do pensamento de grupo.

O Irã Está Por Trás dos Ataques às Instalações de Petróleo da Arábia Saudita

Os ataques coordenados em 14 de setembro levantaram novos temores sobre a estabilidade da produção de petróleo do Oriente Médio, representando uma ameaça imediata devido à dependência da economia global de um suprimento de petróleo confiável e barato.

Os rebeldes houthis, apoiados pelo Irã no Iêmen, que estão em guerra com a Arábia Saudita desde 2015, assumiram a responsabilidade, mas há fortes suspeitas de que o Irã seja o verdadeiro ator nos bastidores. Os ataques de 14 de setembro foram os mais bem-sucedidos de uma série de incidentes desde maio de 2019 contra os interesses do petróleo saudita. O secretário de Estado dos EUA, Mike Pompeo, implicou o Irã no dia dos ataques com a seguinte declaração inequívoca, via Twitter:

“Teerã está por trás de quase cem ataques à Arábia Saudita, enquanto Rouhani e Zarif [presidente e ministro das Relações Exteriores do Irã] fingem haver diplomacia... O Irã lançou um ataque sem precedentes ao suprimento de energia do mundo. Não há evidências de que os ataques vieram do Iêmen”.

Segundo o analista geopolítico George Friedman, o ataque foi uma peça política crucial do Irã: “Não apenas demonstrou que a indústria petrolífera saudita era vulnerável ao ataque iraniano, mas também conseguiu reduzir significativamente a produção de petróleo saudita, infligindo um prejuízo real. Não está claro quanto tempo pode ser necessário para o retorno da produção novamente... Se levar tempo, o impacto financeiro será muito prejudicial” (“A Geopolítica do Ataque Iraniano às Refinarias”, *Geopolitical Futures*, 16 de setembro de 2019).

Friedman também cita a redução da dependência norte-americana de petróleo estrangeiro como uma nova realidade que o Irã está buscando explorar. A ideia é que, se os Estados Unidos puderem suprir amplamente sua demanda de petróleo, o país terá menos incentivo para proteger o restante do suprimento de petróleo do mundo, como nas décadas passadas. Isso poderia contribuir para o crescente afastamento político dos Estados Unidos de outras nações ocidentais. Ao enfatizar esse ponto, o Irã pode estar tentando criar uma barreira política entre os EUA e outras nações para diminuir a influência global norte-americana, o que manteria o Irã sob controle, principalmente no adiamento do desenvolvimento de armas nucleares e na declarada intenção de destruir Israel.

O presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, autorizou o uso da reserva de petróleo de emergência do país no dia seguinte aos ataques. Contudo, no mesmo dia, ele ameaçou, via

Twitter, dizendo que os Estados Unidos estavam “armados e carregados” para responder ao ataque com força. Resta saber até que ponto o Irã testará essas palavras e como o presidente Trump responderá.

A hostilidade entre o Irã e a Arábia Saudita é resultado da divisão do mundo muçulmano entre os ramos xiita e sunita do Islã. Existe há muito tempo essa luta por domínio entre o Irã xiita [ou Pérsia] e as nações árabes sunitas.

A profecia tempo do fim do livro de Daniel descreve uma luta política mundial no fim das eras entre o “rei do Norte” e o “rei do Sul”. Observe o que diz Daniel 11:40: “No tempo do fim, o rei do Sul lutará com ele, e o rei do Norte arremeterá contra ele... e entrará nas suas terras, e as inundará, e passará” (ARA). A profecia bíblica confirma uma guerra iminente no Oriente Médio!

A potência do norte, originalmente na Síria ao norte de Israel, nos tempos antigos, passou a ser Roma e, no tempo do fim, ela será um renascimento do Império Romano, situado na Europa.

A potência do sul, originalmente localizada no Egito, parece se referir a uma potência islâmica do fim dos tempos no sul de Israel. Este reino do Sul pode muito bem ser novamente situado no Egito, que agora é muçulmano sunita e a mais populosa nação árabe, ou talvez a Arábia Saudita, a terra natal do Islã ou algum outro Estado vizinho. Mas também poderia surgir de uma rede terrorista como o Estado Islâmico ou a Al-Qaeda, que assumiria os governos dos países árabes. Alguns acham que o Irã vai liderar esse poder do sul, que ocorreria se dominasse os países ao sul de Israel (e, sem dúvida, o desejo do Irã de ter armas nucleares faz parte desse anseio de dominar o mundo islâmico).

Todavia, o Irã está localizado bem ao leste de Israel, e poderia fazer parte de outro bloco de poderosas nações asiáticas nessa área. Apocalipse 16:12 menciona uma coalizão de “reis do Oriente” marchando para o Oriente Médio à medida que a guerra avança. Obviamente, o Irã não precisa fazer parte do bloco de poder do sul para fazer parte de sua ascensão. A ameaça que representa para os países árabes sunitas poderia levá-los a emergir como uma potência regional.

Somente o tempo dirá aonde os eventos atuais levarão. Para saber mais sobre a história e o futuro dessa região, você pode baixar ou pedir nosso guia de estudo bíblico gratuito “O Oriente Médio na Profecia Bíblica”. (Fonte: *Geopolitical Futures*).

Pesquisa Muda Narrativa Sobre o “Gene Gay”

Novas pesquisas derrubaram o antigo mito do “gene gay”, supostamente descoberto em 1993. O gene gay foi elogiado como prova de que a homossexualidade é natural e deve ser aceita como tal. No entanto, uma nova análise de quase 500.000 genomas desmentiu o conceito de um único “gene gay” e descobriu que apenas “25% do comportamento sexual pode ser explicado pela genética” (“Não Existe Gene Gay: Um Estudo Intensivo Baseado na Genética da Sexualidade Humana”, Jonathan Lambert, *Nature*, 29 de agosto de 2019).

O gene gay tornou-se arraigado na cultura mainstream, inspirando até hinos pop, como a canção de sucesso de Lady Gaga de 2011, “Born This Way”, para comemorar a falsa ideia de que a homossexualidade é predeterminada desde o nascimento—ou seja, que a educação, as interações com outras pessoas e as escolhas pessoais não desempenham nenhum papel na orientação sexual—para que o estilo de vida homossexual seja aceito.

Porém, o crescente impulso à “tolerância” desafia até esse conceito, pois a conversa agora mudou dramaticamente da homossexualidade para todo tipo de orientações recém-inventadas e “identidades de gênero”, inclusive “fluides de gênero”.

Agora, o padrão defendido pela crescente comunidade LGBTI é que qualquer pessoa deve poder escolher qualquer orientação sexual ou identidade de gênero que desejar a qualquer tempo, mesmo que mudando de tempos em tempos, sem julgamento. No entanto, poucos reconhecem que isso contradiz completamente a narrativa de nascer gay, que fez da aceitação do estilo de vida homossexual um imperativo moral para começar. A ciência instável, elevada por vozes políticas e da mídia, impulsionando a ideia falsa e frágil de que o estilo de vida sexual está além do controle das pessoas, levou toda uma geração à confusão moral.

Até mesmo os autores desse recente estudo não estão dispostos a deixar de lado essa premissa, explicando que “o comportamento não heterossexual é poligênico” (“A Associação Pan-Genômica em Larga Escala Revela Critérios Sobre a Arquitetura Genética do Comportamento Sexual Entre Pessoas do Mesmo Sexo”, *Science*, 30 de agosto de 2019). Em outras palavras, eles substituíram o conceito de um único “gene gay” pela alegação inverificável de que existem muitos genes associados ao comportamento homossexual. Eles relatam que encontraram pequenas influências na sexualidade em vários genes diferentes, mas que o efeito não é suficiente para prever a sexualidade das pessoas a partir de seu DNA.

Portanto, Não é de se admirar que as pessoas se encontrem em meio a tanta confusão e negação à medida que a sociedade se afasta mais de Deus e da Bíblia. Deus é o autor da sexualidade masculina e feminina. E Ele declara nas Escrituras que é pecado as relações sexuais fora do casamento monogâmico entre um homem e uma mulher. Essa verdade está de acordo com os cientistas que agora relatam não encontrar provas de que a homossexualidade seja predeterminada pelos genes de uma pessoa. (Fonte: *Nature, Science*).

A Análise do Mestre

Quando alguns discípulos disseram a Tomé que viram Jesus, mas ele não acreditou. Então, Jesus apareceu entre eles com um convite. O que isso significa para nós?

por Robin Webber

Quando era jovem, você já passou pela situação em que colegas ou amigos escolheram um apelido para você? Muitas vezes, era um termo carinhoso. Mas, às vezes, não era assim tão meigo e você mal podia esperar a hora daquilo desaparecer.

Um personagem bíblico que teve seu nome transformado em apelido foi Tomé. Um dos doze apóstolos originais, frequentemente, ele é identificado dessa maneira dois mil anos depois de sua morte!

Tomé não estava lá quando o Jesus ressuscitado apareceu aos outros discípulos, e ele se recusou a acreditar que Jesus tivesse ressuscitado da tumba se não o visse pessoalmente e tocasse Suas cicatrizes. Mais tarde, Cristo apareceu novamente e deu essa oportunidade a Tomé.

O que significa essa atitude de Jesus Cristo ressuscitado para com Tomé naquela ocasião? Pensar nisso pode nos ajudar a valorizar esse gesto de Cristo para ampliar nosso próprio entendimento de Seu convite pessoal para segui-Lo (ver Marcos 1:17; João 21:19). Pondere que Tomé não era o único preocupado em testar e *cutucar* alguém—pois Jesus também estava fazendo Seu teste em um coração carente.

“Voltarei para vós”

Agora vamos para o local em que, pela primeira vez, os discípulos estavam escondidos, com as portas fechadas, das autoridades (João 20:19). Fazia pouco mais de três dias que Seu Mestre, Rabino ou Professor, havia sido brutalmente executado. E diziam que Ele está vivo e que tinha saído de Seu túmulo, mas a maioria não o viu pessoalmente.

Talvez eles estivessem refletindo sobre Sua declaração de que ficaria no coração da terra por três dias e três noites em comparação com o sepultamento do profeta Jonas no ventre do grande peixe (Mateus 12:40). Os joelhos deles estavam trêmulos e o coração alquebrado. Algumas das últimas palavras de Seu Rabino estavam dando voltas na cabeça deles. “Voltarei para vós”, Ele havia dito (João 14:18; comparar com versículo 28). Mas como Ele faria isso?

Então, de repente, alguém entra inesperadamente, através de uma porta fechada! O que está acontecendo? Era Jesus, Mestre e amigo deles! Sua promessa era verdadeira. Eles sabiam quem era porque Ele mostra as feridas de sua brutal execução no Gólgota (João 20:19-20).

Ele se dirige a eles com uma calorosa saudação de paz. Imagine a intensa alegria deles. Aqui, Aquele que proclamou: “Eu sou a porta” (João 10:9) não chega a eles de maneira normal através de uma abertura feita pelo homem. Novamente, eles veem que, como todos nós, devem esperar o inesperado de nosso Pai Celestial e de Jesus Cristo—que entram em nossas vidas em Seu próprio tempo para fortalecer nossa fé.

Mas espere um pouco—estava faltando alguém ali. Faltava Tomé.

Mais tarde, quando os que estavam reunidos naquela ocasião encontraram Tomé, eles lhe informam tudo o que aconteceu. Quê? Quando foi a última vez que você viu vivo um homem que foi morto, depois de açoitado, espancado e crucificado? Então, é aqui que Tomé pronuncia: “Se eu não vir o sinal dos cravos em Suas mãos, e não puser o dedo no lugar dos cravos, e não puser a minha mão no Seu lado, de maneira nenhuma o creerei” (João 20:25).

Jesus cometeu um erro ao escolher esse indivíduo descrente ou há mais alguma coisa nessa história?

O que está por trás dessa história de Tomé?

Lembremos que Jesus passou uma noite inteira orando por aqueles que Ele havia escolhido para serem as primeiras testemunhas de Sua vida, morte e ressurreição (ver Lucas 6:12-16; Atos 1:2, 8). Ele escolheu algumas pessoas interessantes como Pedro, Judas Iscariotes e dois irmãos, Tiago e João, os “Filhos do Trovão”.

Por fim, alguém o trairia e todos o abandonariam em seu principal momento de necessidade humana no Getsêmani. Contudo, todos, exceto o traidor, vão ter seus nomes escritos nos fundamentos da Nova Jerusalém (Apocalipse 21:12-14).

Certamente, nenhuma escolha foi aleatória. Então, O que está por trás da história de Tomé? Vamos conectar alguns pontos e entender por que não é aconselhável *rotular* as pessoas por certos momentos.

O que se passou muitas vezes é ignorado, quando Tomé falou algo enquanto todos os outros avisavam a Jesus para não ir a Betânia ver Lázaro devido ao perigo iminente (ver João 11:7-8). Jesus ainda disse: “Vamos”, e Tomé disse aos outros: “Vamos nós também, para morrermos com Ele” (versículos 15-16). Tomé parecia disposto a sacrificar tudo por causa de Cristo. E, em seguida, todos os outros concordaram com ele.

Vamos agora conectar outro ponto. Na noite anterior à Sua morte, Jesus compartilhou o seguinte com Seus discípulos: “Virei outra vez e vos levarei para Mim mesmo”. E Tomé perguntou: “Senhor, nós não sabemos para onde vais e como podemos saber o caminho?” (João 14:3-5).

A pergunta dele é o ponto de partida para uma autorrevelação de Jesus: “Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida” (versículo 6). Tomé jamais esperaria receber essa resposta—mas recebeu.

Contudo, por que Tomé não estava presente na primeira aparição de Jesus? A Bíblia não nos informa isso. Pouco antes de Jesus aparecer, os dois que viram Cristo no caminho de Emaús “acharam congregados os onze e os que estavam com eles”, onde descobriram que Pedro também tinha visto Jesus (Lucas 24:33-36). Como Tomé era um dos onze reunidos, ele deveria estar lá quando eles chegaram. Isso significa que ele deve ter saído do local pouco antes de Jesus entrar.

Novamente, não sabemos por que Tomé saiu. Mas, sem dúvida, a entrada de Jesus, após a saída de Tomé, foi intencional. O próprio Tomé, provavelmente, teria se perguntado sobre isso. Isso pode ajudar a explicar por que ele não acreditou na confirmação daquele relato detalhado dos outros.

Lembre-se de que Tomé já havia desafiado aos outros quando disse: “Vamos nós também, para morrermos com Ele”. Mas quando a prova definitiva chegou, sua coragem sumiu. Aceitar que foi deixado de fora do encontro com Jesus pode tê-lo deixado confuso, envergonhado e culpado por sua falha.

Entretanto, os outros também se dispersaram quando Jesus foi preso—e talvez qualquer um deles tivesse reagido exatamente como Tomé, se tivesse ficado de fora desse encontro. Mas havia lições que Cristo estava ensinando a todos aqui—lições que todos precisamos aprender.

Esquadrinhando o vazio de um coração partido

Novamente, oito dias depois, os discípulos estavam reunidos no mesmo local, e agora Tomé estava com eles. E, atravessando a porta, Jesus volta outra vez, mas agora para tocar no coração de alguém (João 20:26). E, de novo, Ele os cumprimenta desejando paz.

Agora, ele se concentra em Tomé. Sendo o Bom Pastor (João 10:14), Ele sabe que esse cordeiro em dificuldades precisa dEle. Jesus não hesita nem se ofende, mas convida o discípulo a se aproximar e examinar tudo para se convencer. E, sem rodeios. Ele diz: “Põe aqui o teu dedo e vê as Minhas mãos; chega a tua mão e põe-na no Meu lado; não sejas incrédulo, mas crente” (João 20:27).

A história de Thomas é a nossa história. É a história do Bom Pastor cuidando ativamente de Suas ovelhas ao aceitarmos o convite de "Siga-me".

E Suas palavras não são de condenação, mas de encorajamento.

Muitas vezes, nos concentramos na ação de Tomé verificando as feridas de Cristo, quando a essência da história é como Cristo está sondando o vazio no coração de Tomé. E é aqui que descobrimos que Cristo vem até nós de forma apropriada para nos ajudar em nossa caminhada rumo à fé.

Você já reparou como algumas pessoas são aprendizes auditivos, enquanto outras adquirem conhecimento lendo, visualizando imagens e também por experiências práticas? Isso funciona da mesma forma na “universidade da vida”. Um antigo provérbio asiático afirma: “O que eu ouço, eu esqueço. O que eu vejo, eu lembro. O que eu faço, eu entendo”. Aqui, Cristo, o “Oleiro Mestre” (Isaías 64:8), está ajudando e delineando o futuro de Seu amigo.

Também devemos considerar o quão difícil foi para Tomé ser apontado como o único apóstolo a quem Jesus não apareceu—e ele estava reagindo contra esse pensamento perturbador.

Nosso Pai Celestial não nos chamou para ter uma fé que evapora sob pressão. Tomé poderia ter crido em Seus colegas discípulos, mas se por qualquer motivo seu coração não estivesse realmente de acordo isso de nada serviria. Jesus sabia que, depois que Tomé “entendeu”, sua coragem foi renovada. Esse mesmo discípulo que disse que estava disposto a ir como um cordeiro ao matadouro com

Seu amigo agora viveria, respiraria e compartilharia as boas novas de um Cordeiro ressuscitado.

Qual foi o resultado final da sondagem do Mestre? Tomé declara a Ele: “Senhor Meu, e Deus Meu!” (João 20:28). Como todo verdadeiro crente, ele faz a confissão categórica de que Jesus é mais do que um homem bom, sábio, mestre, profeta ou mártir morto por uma causa. Tomé chega ao entendimento através do toque pessoal do Mestre—isso permitiu que ele alcançasse o Deus na carne. Claramente, ali foram gerados bons frutos!

Cristo tinha grandes planos para Seu apóstolo e amigo, que não seriam levados adiante por conta de uma fé falsa. A tradição afirma que mais tarde Tomé evangelizaria por toda a Ásia até a Índia. Ele acabaria sendo martirizado por sua pregação sobre o Cordeiro ressuscitado de Deus e Seu Reino vindouro.

Em que devemos acreditar?

Esse relato ilustra o encorajamento de Jesus para nós, hoje em dia, a partir da aclamação de Tomé. Jesus disse a Tomé: “Porque me viste, Tomé, creste; bem-aventurados os que não viram [referindo-se a nós!] e creram” (versículo 29). Quais elementos desse relato nós podemos usar para melhorar nossa própria jornada de fé?

Deus Pai e Jesus Cristo não se importam de ser arguidos. Pense em Tomé—e em Jó, enquanto você segue em frente. Deus não vê os questionamentos como um muro, mas como uma ponte para o entendimento. Para aprender, precisamos fazer perguntas, bisbilhotar e buscar respostas que somente Deus pode fornecer.

Espere o inesperado de nosso Pai Celestial e de Cristo. Os caminhos de Deus não são iguais aos nossos (Isaías 55:8-9). Deus responde quando for o momento certo, e isso inclui estarmos maduros para sermos encorajados pelo entendimento. O Pai e Cristo abrem mares, derramam pão do céu, ressuscitam os mortos, atravessam paredes e abrem os corações daqueles que estão mortos. Esteja alerta e acostume-se com isso!

Cristo, como Bom Pastor, conhece nossas necessidades pessoais e estilos de aprendizado e vem até nós, particularmente, com a melhor maneira de aprendermos e abraçarmos a fé genuína e duradoura. Ele sabe que é uma curva de aprendizado o fato de seguir ao Salvador ressuscitado, que vive para nós—agora e todos os dias.

Frequentemente, Cristo se apresenta a nós dizendo “paz”, como fez com os discípulos reunidos. Essa é a saudação hebraica comum *Shalom*, mas no caso de Jesus, significa muito mais. Ele prometeu antes de morrer: “Deixo-vos a paz, a Minha paz vos dou; não vo-la dou como o mundo a dá. Não se turbe o vosso coração, nem se atemorize” (João 14:27). Cristo está disposto a fazer com que você O busque, indague sobre Ele e Seus caminhos. E, por sua vez, você deve estar disposto a permitir que Ele esquadrinhe profundamente o seu ser—seu coração—para receber a imensidão da paz que Ele oferece.

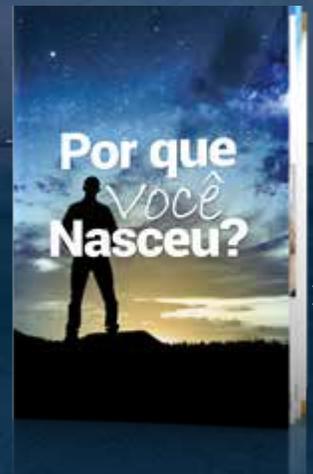
A história de Tomé é a nossa história. Essa é a história do Bom Pastor, que cuida diligentemente de Suas ovelhas que recebem o convite de segui-Lo. Esse é um caminho que leva a um futuro em que Cristo promete nos dar novos nomes (Apocalipse 3:12). Creio que podemos concordar que, para Tomé e também para nós, se permanecermos fiéis e recebermos esses novos nomes, não haverá mais nenhuma “dúvida” quanto a isso! Lembre-se do encorajamento de Cristo: “Não sejas incrédulo, mas crente”! **BN**

Qual é o Seu Propósito na Vida?

Nossos empregos, nossos smartphones, entretenimentos, esportes e até mesmo nossas famílias nos mantêm ocupados. Mas há momentos em que você está sozinho com seus pensamentos e se pergunta: Para que serve tudo isso?

“Qual é o meu propósito na vida?” A resposta é profunda, mas bastante simples. Solicite nosso guia de estudo bíblico gratuito *Por Que Você Nasceu?* E saiba a resposta diretamente das páginas de sua Bíblia!

Descubra a verdade sobre o incrível Plano de Deus para você. PEÇA SUA CÓPIA GRATUITA do guia de estudo bíblico gratuito *Por Que Você Nasceu?* Ou baixe de nosso site <http://portugues.ucg.org>



warren wong-unsplash

FAÇA UMA DOAÇÃO AGORA!

Esta obra evangelizadora compreende a edição, publicação e distribuição gratuita desta Boa Nova do vindouro Reino de Deus, de vários guias de estudo de ensino bíblico, e da preparação e cuidado dos irmãos, ao redor do mundo.

Esta revista 'A Boa Nova' e guias de estudo Bíblicos aqui mencionados contêm direitos autorais e são publicados pela Igreja de Deus Unida, uma Associação Internacional. Também somos representados e os distribuimos, sob licença, em Angola pela Igreja de Deus Mundial em Angola.

Sua doação espontânea ou seus dízimos nos ajudarão a ampliar esse esforço. Use a conta ao lado se vive no Brasil, ou a aba de doações do nosso site, ou detalhes de contato na página 2. Muito obrigado pela sua contribuição.

Banco: Caixa Econômica Federal (104)

Agência: 3540

Operação: 003

Conta Corrente: 1877-4

CNPJ: 19.443.682/0001-35

Beneficiário: Igreja de Deus Unida Brasil



<https://portugues.ucg.org/a-boa-nova>